



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais – ICS
Departamento de Antropologia

MARIA LUIZA VIETES PEDROSA

A casa e a *homestay* coabitando: uma etnografia do processo de transformação de casas de família em acomodações turísticas na Ilha de Ataúro em Timor-Leste

Brasília
2021

MARIA LUIZA VIETES PEDROSA

A casa e a *homestay* coabitando: uma etnografia do processo de transformação de casas de família em acomodações turísticas na Ilha de Ataúro em Timor-Leste

Monografia apresentada na Universidade de Brasília como um dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Cristiane da Silva

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Kelly Cristiane da Silva (DAN/UnB)

Profa. Dra. Renata Nogueira da Silva (SEEDF)

Brasília
2021

Agradecimentos

Este é um trabalho que leva a minha autoria, pois fui eu que o escrevi. O meu trabalho como pesquisadora é difícil e, muitas vezes, solitário, sobretudo neste país que desanima e desvaloriza a pesquisa. Por isso, o meu esforço deve ser destacado. No entanto, o trabalho de campo e a escrita apenas foram possíveis, pois esforços coletivos foram investidos. Esta foi uma monografia construída coletivamente e isso precisa ser evidenciado. Muitas mãos, mentes, olhos, ouvidos, pessoas por inteiro passaram por aqui, e estão aqui. Estão em mim. Apesar dos desânimos, o trabalho coletivo me anima. Há muita potência na coletivização. Esta é, portanto, a seção mais especial desta dissertação, pois, aqui, agradeço àqueles que fizeram e fazem possível.

Agradeço imensamente,

À minha família,

À Ana, minha irmã, pela leitura atenta e gentil deste trabalho; por me confortar nos momentos de tristeza; por ser minha companhia nos períodos de alegria; e por me dar tanto orgulho.

À Marcela, minha mãe, pela maternidade ativa e afetiva; pelos esforços financeiros e de tempo que exaustivamente fez e faz para a minha educação; pelo cuidado exagerado; pelo trabalho doméstico e de cuidado, infelizmente pesado e injusto, que possibilitou a minha sobrevivência neste mundo e a minha permanência na universidade; pelo caráter ímpar que me inspira; pela generosidade incomparável que me motiva; pela mulher forte, absolutamente incrível, que é.

Ao José Cláudio, meu pai, pela paternidade ativa e afetiva; pelos esforços financeiros que fez e faz para a minha educação; pelo cuidado; pela paciência; pelos ensinamentos; pelo caráter ímpar que me inspira; pela formação política consciente e por compartilhar tantas paixões sobretudo o amor pela música brasileira e pelo Botafogo.

Às minhas primas e primos, que são muitos. Ainda bem! Agradeço a eles, sobretudo à My, Mari, Sol, Lua, Quel, Rafa, Rod, Átila e Lu pelo companheirismo, cuidado e afeto constantes. Em especial, agradeço imensamente à Raquel pelo cuidado comigo e pelas

terapias que tornaram a escrita desta monografia menos dolorosa. Além disso, agradeço muitíssimo aos meus priminhos Markus, Elias, João e Pedro, crianças incríveis, responsáveis por muitas alegrias na minha vida.

Às minhas tias e tios. Agradeço principalmente às minhas tias por sustentarem a nossa família e por me inspirarem como mulheres. Agradeço, em especial, à tia Maria, que, nestes anos de UnB, carinhosamente me acolheu em sua casa diversas vezes e, assim, diminuiu as distâncias tão violentas que vivemos no DF entre a universidade e as cidades satélites; à Tia Mônica, Lua e Sol, por me acolherem em sua casa sempre, mas principalmente naquela semana tão exaustiva; à Tia Rita, por ter me acolhido tão carinhosamente em sua casa nas semanas finais da escrita.

Às minhas amigas e amigos,

À Bárbara, pela amizade de mais de uma década; pelo crescimento conjunto; pelo companheirismo; pelo amor; e pela confiança em me escolher como madrinha do seu filho Miguel.

À Natália e família Oásis, pelo cuidado e afeto de mais de uma década. À Nat, minha amiga, pelo crescimento conjunto; pelas tantas leituras compartilhadas; pelas leituras e revisões dos meus trabalhos ao longo destes anos de universidade; e por essa amizade linda que temos. À família Oásis - Francisca, Lari, Fred e Barbosa - por me acolherem em suas casas durante toda a vida.

À Di, Cacá, Gil, Ste, Nat e Nai, pela amizade sincera; pelas aventuras e risos; e pelo cuidado.

À Di, pela conexão fraternal e sobre-humana; pelo cuidado e pelo apoio constante.

À Isa, Júlia, Mateus, Pablo, Tavo e Veni - amigos de terapia, amigos da vida, amigos da além-vida - pelo cuidado, afeto e acolhimento; pelos não julgamentos; pela aceitação; e por esse encontro tão lindo que tivemos.

À Andreza, por toda a generosidade; pelas indicações; pelo afeto; pelos áudios *podcast*; pela troca; pela leitura e revisão dos meus trabalhos; e pela ideia que inspirou o título desta monografia.

À Ariany, psicoterapeuta incrível com quem faço acompanhamento psicológico, pelo atendimento humano e afetivo; pelos convites para as terapias em grupo; pela paciência e pelos estímulos.

Aos grupos de estudo e pesquisa,

Ao Grupo Retóricas do Poder e Resistências (GERPOR) – Prof. Berenice Bento, Prof. Alfredo, Guilherme, Alberto, Mariana, Júlia, Paulo, Lucas, Hamanda, Mariá e Hannah – pela luta coletiva e transformadora que ultrapassa os muros da universidade.

Ao Laboratório em Economias e Globalizações (LEEG) – Prof. Kelly Silva, Prof. Daniel Simião, Alberto, Alexandre, Andreza, Carlos, Carol, Keu, Luci, Miguel, Raoni e Renata – pelo acolhimento na Antropologia, pelo compartilhamento de ideias e trabalhos, e pela contribuição incessante para a minha formação como antropóloga.

Aos professores e funcionários da UnB,

À Soraya Fleischer, por me apresentar um mundo de antropologias; pela docência humana e afetiva; pelos tantos ensinamentos; e pelos muitos incentivos.

Ao Daniel Simião, por ter visto potencial em mim e me convidado para conversar sobre um possível trabalho de campo em Timor-Leste.

À Kelly Silva, minha orientadora, pelo convite para ir a Timor-Leste; pela confiança; pela orientação cuidadosa; pelos muitos incentivos; pelos grandes ensinamentos; pelas tantas oportunidades; e pela compreensão.

À Renata Nogueira, colega de LEEG, pelo acolhimento constante; pelas dicas que facilitaram a minha vida em Timor; pela leitura tão gentil do meu trabalho; pelas palavras doces; pelos incentivos e por aceitar fazer parte da banca.

Aos demais professores do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília que muito me ensinaram nos últimos cinco anos.

A todos os funcionários do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília e, em especial, à Rosa, que me salvou diversas vezes nestes anos de universidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por meio do projeto Capes/AULP, pela bolsa de pesquisa que possibilitou a ida a Timor-Leste.

Àqueles que tornaram a minha experiência em Timor-Leste incrível,

À Carol, por aquele almoço no RU antes da minha ida a Timor; pela generosidade e paciência; pelas tantas vezes que me ajudou antes, durante e depois do trabalho de campo; pela dica da impressão das fotografias; e por ter me apresentado à família Pacheco Noronha.

À Brunna, por aquele mês incrível em Timor; pelas orientações durante o campo; e pela amizade.

À Luci, Dili *queen*, minha companheira de campo, pelo compartilhamento da vida em Timor; pela paciência; pela generosidade; pela amizade; pelo afeto e cuidado; pelas tantas risadas; pelas muitas conversas; pelas angústias compartilhadas; pelas leituras e revisões dos meus trabalhos; e por toda a ajuda durante e depois do campo.

À Ana Rosa, Gilberto e Pedro, pelo cuidado; pelos passeios; e pelo acolhimento em Dili.

À Della, minha *bin*, pelos passeios de moto; pelas conversas; pela conexão incrível que criamos; pelas risadas; pelo carinho que foi casa em Timor. *Ha'u hadomi ó!*

Ao Beny, pela amizade; pelo cuidado; pelos passeios; e pelo acolhimento em Timor. *Ha'u hadomi ó!*

À Fundação Oriente, pela hospedagem durante a primeira semana em Dili.

Ao Adilsonio, por ter nos ajudado (eu e Luci) a encontrar uma casa em Dili.

Ao Abé Barreto, por ter nos recebido (eu e Luci) em sua casa e facilitado a morada em Díli.

À Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL) e ao Professor Januário Correa, pelo acolhimento nas primeiras semanas em Timor.

À família Pacheco Noronha (Marcos, Tomásia, Meldiana, Aleki, Ozias, Levita, Joana, André e Jonas), e Nathália, Ingracia e Carlos, por terem me recebido tão carinhosamente em sua casa em Makili.

Ao Padre Luis, por ter gentilmente me concedido uma entrevista em Makili.

À senhora que viajou comigo no pequeno barco de Díli a Ataúro (Makili), cujo nome infelizmente não consegui entender: obrigada por ter me consolado naquele dia em que pensei que fôssemos morrer no mar. *Maromak ajuda!*

À organização *Blue Ventures* e, em especial ao Olie, que gentilmente me explicou as dinâmicas das *homestays* e possibilitou diversas vezes que eu circulasse em espaços exclusivos.

Aos membros das *homestays* de Raja Ampat e da WWF da Malásia, por aquela semana tão divertida em Usubemaço; pelo carinho e pela ajuda com a tradução dos diálogos que aconteceram em bahasa.

Às famílias parte da Associação de *Homestays* de Ataúro (Lourdes, Mery, Estevão, Eliazer, Yulli, Moises, Zacarias [*in memoriam*], Antônio, Albertina [*in memoriam*], Alda, Afonso e Rui), pelo acolhimento na aldeia Usubemaço; pela paciência e ajuda com a aprendizagem do Tétum; por terem aberto suas casas a mim e pela confiança que depositaram em mim ao me permitirem estar entre vocês.

À família Marques (Estevão, Lourdes, Jojo, Mozi, Nilo, Grace, Adelina, Tina, Mira, Claudia, Rosa, Sra. Luisa e Pastor João), por terem me adotado como filha, irmã mais velha e neta em Ataúro.

A todos os *Timor oan* com quem cruzei e, de alguma forma, acolheram-me em seu país;

Às crianças de Ataúro, pelos banhos de mar; pelo afeto; pelos sorrisos; e por tornarem a minha experiência em Timor incrível.

Figura 1 - Crianças correndo em direção ao mar no cais de Beloi na Ilha de Ataúro



Fonte: Arquivo pessoal

“As coisas têm vida própria” - apregoava o cigano com sotaque áspero -, “é só questão de despertar suas almas.” (Gabriel García Marquez em Cem Anos de Solidão).

“Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca” (Marcel Mauss no Ensaio sobre a dádiva).

Fazia algum tempo que os moradores decidiram levantar suas casas com materiais duráveis. Aconteceu antes da morte de Salomão. Era um desejo antigo, sufocado pelos interditos. Queriam ter casas de alvenaria. Queriam moradas que não se desfizessem com o tempo e que demarcassem de forma duradoura a relação deles com Água Negra. Os filhos que trabalhavam fora passaram a enviar um pouco de dinheiro para as construções. Os mais velhos, que puderam se aposentar, começaram a comprar material à prestação na cidade. Chegavam na calada da noite com carregamentos em carrinhos de mão e carroças, para não chamar a atenção. O primeiro a assentar um tijolo foi o velho Saturnino, com a ajuda dos filhos e netos. Alguém passou pela frente da casa que estava sendo erguida e disse que faria o mesmo. Os gerentes passaram a reclamar, por ordem de Salomão, mas não adiantou. Aos poucos, a paisagem da fazenda foi se modificando como nunca antes havia ocorrido (Itamar Vieira Junior em Torto Arado).

Resumo

Em Timor-Leste, o turismo tem sido promovido pelos complexos de governança atuantes no país como um dos principais setores a contribuir para o desenvolvimento nacional. Acredita-se que envolver sobretudo as populações rurais em empreendimentos turísticos pode diversificar a economia e melhorar o acesso destas ao dinheiro. A Ilha de Ataúro é uma zona considerada rural e é um dos principais destinos turísticos do país devido à grande biodiversidade marinha da região. Em 2016, a organização não governamental e operadora turística internacional *Blue Ventures*, começou a operar em Ataúro por meio de atividades relacionadas à conservação marinha da ilha. Parte de seu programa para o país tinha como objetivo contribuir para a diversificação da economia das populações locais por meio do turismo. Nesse contexto, a organização criou, junto a oito famílias da aldeia Usubemaço a Associação de *Homestays* de Ataúro. Considerando que a casa de oito famílias, nesse contexto, passou a ser comercializada para alcançar o mercado turístico, esta etnografia tem como objetivo descrever e analisar o processo de transformação dessas residências em acomodações turísticas do tipo *homestay*.

Palavras-Chave: Timor-Leste. Turismo. Antropologia Econômica. Acomodações turísticas. Casa.

Abstract

In Timor-Leste, tourism has been promoted by the governance complexes operating in the country as one of the main sectors to contribute to national development. It is believed that involving mainly rural populations in tourist developments can diversify the economy and improve their access to money. Ataúro Island is considered a rural area and is one of the main tourist destinations in the country due to the great marine biodiversity of the region. In 2017, the non-governmental organization and international tour operator Blue Ventures, started operating in Ataúro through activities related to the island's marine conservation. Part of its program for the country aimed to contribute to the diversification of the economy of local populations through tourism. In this context, the organization created, together with eight families from the village of Usubemaço, the Ataúro Homestays Association. Considering that the home of eight families, in this context, became commercialized to reach the tourist market, this ethnography aims to describe and analyze the process of transforming these residences into homestay-type tourist accommodations.

Keywords: Timor-Leste. Tourism. Economic Anthropology. Tourist accommodation. House.

Sumário

Agradecimentos	2
Prólogo - Trajetórias	
1.1 Indo a Timor-Leste	14
1.2 A chegada em Ataúro e a construção do campo	16
1.3 O poder do campo	20
1.4 Ser <i>malae</i> , mulher, pesquisadora e hóspede	21
1.5 Escrita da monografia	23
Considerações Iniciais	25
Capítulo 01: A Ilha de Ataúro e a Associação de <i>Homestays</i> de Ataúro	
2.1 Considerações iniciais sobre o primeiro capítulo	29
2.2 A Ilha de Ataúro	29
2.3 Associação de <i>Homestays</i> de Ataúro (AHA)	39
Capítulo 02: A biografia da casa	
3.1 Considerações iniciais sobre o segundo capítulo	40
3.2 A casa	40
3.3 Formas, usos e sentidos da casa	43
3.4 A comercialização da casa	50
Capítulo 03: A <i>homestay</i>	
4.1 Considerações iniciais sobre o terceiro capítulo	52
4.2 Os treinamentos como práticas pedagógicas para construção de capacidades	52
4.3 Dinâmicas das <i>homestays</i>	55
4.4 “A <i>homestay</i> ajuda dentro de casa”	58
Capítulo 04: Os dilemas	
5.1 Considerações iniciais sobre o quarto capítulo	60
5.2 A questão da inveja e a produção de desigualdade social	60
5.3 <i>Feto servisu barak</i>	64
Considerações Finais	68
Referências Bibliográficas	70

Prólogo – Trajetórias

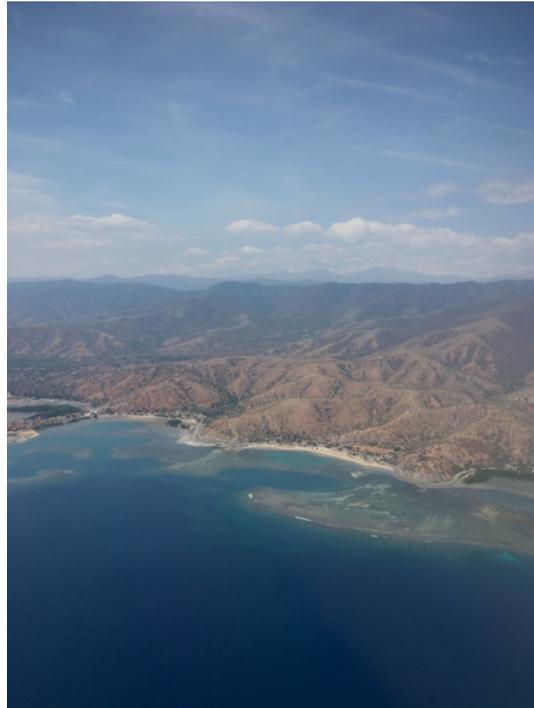
1.1 Indo a Timor-Leste

No primeiro semestre de 2018, conheci a Professora Kelly Silva, quem orientou este trabalho, por meio do Professor Daniel Simião, que era docente de uma disciplina que eu cursava na graduação em Antropologia na Universidade de Brasília. Desse encontro surgiu o convite para integrar o Laboratório em Economias e Globalizações (LEEG) e, mais tarde, o projeto de pesquisa “Transposição da Modernidade em Timor-Leste”, que foi a ponte para uma bolsa de pesquisa, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (Capes), para realizar trabalho de campo em Timor-Leste.

A princípio, pensamos que eu poderia realizar uma pesquisa bibliográfica acerca das transformações decorrentes do turismo na Ilha de Ataúro, que está localizada a 25km da capital leste-timorense Díli. Dessa forma, considerando esta a temática da minha pesquisa, durante o primeiro semestre de 2018, fiz leituras principalmente sobre turismo e Timor-Leste. Além de mim, Luci, à época também graduanda em Antropologia, preparava-se para embarcar na aventura que foi a nossa ida para o outro lado do mundo. Luci, diferentemente de mim, fez uma pesquisa sobre a construção da dança tradicional leste-timorense.

Com o processo de financiamento da bolsa de pesquisa em andamento, Luci e eu nos preparamos para viajar milhares de quilômetros rumo a jovem nação Timor-Leste. Nesse momento, foi fundamental a ajuda daqueles que já haviam ido a Timor para fazer trabalho de campo. Alexandre, Andreza, Carlos, Carol, Henrique e Renata acalmaram as nossas ansiedades e nos deram dicas valiosas. Luci e eu, juntas, atravessamos o Oceano Atlântico e o Índico e chegamos ao Oceano Pacífico, na ilha de Timor, em 14 de setembro de 2018.

Figura 2 - Foto aérea de Timor-Leste



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 3 - Aeroporto de Díli



Fonte: Arquivo pessoal da autora

1.2 A chegada em Ataúro e a construção do campo

Antes de ir a Timor, eu já sabia que o meu trabalho de campo deveria acontecer em Ataúro. Afinal, o objetivo da pesquisa era observar as transformações econômicas decorrentes

no turismo na ilha, que é um dos principais destinos turísticos do país. No entanto, naquela época, ainda não havia um enfoque. Deixei-me perder no campo (SILVA, 2007) e o campo se fez. Acabei por observar o processo de transformação de casas de família em acomodações turísticas na aldeia Usubemaço em Beloi, *suko*¹ de Ataúro. Para chegar a esse tema, percorri uma trajetória. Conto abaixo.

Já em Díli por quase três semanas, organizei a minha primeira ida a Ataúro. Carol, colega do LEEG, foi quem me apresentou a Marcos, seu principal interlocutor no trabalho de campo que realizou em 2017 também na Ilha de Ataúro². Marcos fazia estátuas para o mercado turístico e era um dos principais artesãos da ilha. No dia 2 de outubro, acordei cedo, peguei uma *mikrolet*³ e desci no Leicidere, bairro em Díli, onde embarcações de porte pequeno aguardavam sobretudo moradores da Ilha de Ataúro para atravessar os 25 quilômetros que separam a capital de Timor-Leste da Ilha de Ataúro. O meu destino era a casa de Marcos e Tomázia, em Makili, um dos *sukos* da ilha. Estive em Makili por três dias. Nesses dias, acompanhei a produção de estátuas para o mercado turístico e conversei com Padre Luis – um missionário italiano que vivia em Ataúro há alguns anos. Na conversa com ele, perguntei quais eram os empreendimentos turísticos em Makili e no restante da ilha. Ele me disse que em Makili houve a tentativa de empreender uma pousada, mas, na época, não estava em funcionamento. Nesse diálogo, ele sugeriu que a atividade turística era mais recorrente em Beloi e Vila-Maumeta, outros *sukos* de Ataúro.

¹ *Suko* é a divisão administrativa local.

² Ver em <https://bdm.unb.br/handle/10483/22692>.

³ Transporte local de Díli que consiste em uma *minivan* com assentos na parte traseira para comportar os passageiros.

Figura 4 - Indo a Makili de berok⁴



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 5 - Chegando a Makili



Fonte: Arquivo pessoal da autora

⁴ *Berok* é o nome para o barco de pequeno porte, que geralmente era de pescadores locais. Na primeira foto, o *berok* é o pequeno barco ao lado da embarcação maior.

Era sábado de manhã quando, pela primeira vez, cheguei a Beloi⁵. Depois de três dias em Makili, fui de barco até Vila Maumeta e, lá, peguei um *tuk-tuk*⁶, que me deixou na orla da aldeia Usubemaço, em Beloi. Sábado era dia do mercado nesse *suko*. O mercado mobilizava toda a ilha. Iam, de todos os cantos de Ataúro e de Timor-Leste, comerciantes de peixe, biojoias⁷, comidas e roupas. O *ferry* público *Nakroma* ia a Ataúro às 8h e voltava a Díli por volta das 15h todos os sábados. A embarcação levava centenas de timorenses e estrangeiros, que movimentavam a orla de Beloi e, assim, o mercado que ocorria naquele lugar no mesmo dia.

Figura 6 - Pessoas esperando o *Nakroma* em Beloi



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Foi a ocorrência do *Nakroma* levando centenas de turistas que gerou um fluxo intenso de pessoas, principalmente turistas, na ilha. De acordo com muitos dos meus interlocutores, se não houvesse o *ferry* público, não haveria um mercado voltado sobretudo aos visitantes. Evidencio esse fato, pois o mercado passou a ser uma importante fonte de renda e, portanto, de acesso ao dinheiro para os residentes de Ataúro. O fluxo de turistas não só ocasionou um mercado de dimensão maior do que os outros recorrentes na ilha, mas, também, a criação de acomodações turísticas de diferentes tipos: hotéis, *ecolodges*⁸, *homestays* e pousadas.

⁵ Um triciclo motorizado com cabine para passageiros comum para fazer o trajeto entre os *sukos* Vila-Maumeta e Beloi.

⁷ Joias feitas em Ataúro com materiais locais como a casca do coco.

⁸ *Ecolodge* é uma acomodação turística que tem como característica essencial a sustentabilidade.

No meu primeiro dia em Beloi, parei para comer, coincidentemente, na barraca de Estevão e Lourdes, um casal com dois filhos pequenos, que vendia peixe e *katupa*⁹ no mercado. Estevão era o coordenador da Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA), cuja existência eu já tinha ciência e certo interesse. Essa associação foi criada em 2017, pela organização não governamental *Blue Ventures*, com o objetivo de diversificar as fontes de renda e promover, por meio do turismo, benefícios econômicos à comunidade. Essa ideia se materializou mediante a transformação de casas de famílias em acomodações turísticas do tipo *homestay*.

Figura 7 - Barraca no mercado de Beloi



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 8 - Cozinhando *katupa*



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Após passar alguns dias em Ataúro, percebi que a atividade turística estava majoritariamente concentrada em Beloi. Assim, entendi que era lá onde o meu trabalho de campo deveria acontecer. Já ciente das atividades das *homestays* na aldeia Usubemaço, pedi

⁹ Prato típico de Timor-Leste feito com arroz e temperos enrolados em folhas de coqueiro.

para conversar com dois funcionários da *Blue Ventures* em Díli. Após a conversa, organizei-me para ir a Ataúro e me hospedar em uma das *homestays* associadas à AHA.

As dinâmicas das *homestays* e as consequências de sua existência na aldeia me pareceram interessantes de observar. Notei que a *homestay* gerava não apenas transformações econômicas, mas políticas e espaciais. Assim, durante os meses em que estive em campo, passei boa parte dos meus dias circulando entre as *homestays* da AHA. Os meus interlocutores foram sobretudo os membros da associação. No entanto, conversei com muitas outras pessoas, que gentilmente me forneceram informações imprescindíveis para a escrita desta monografia. Moradores de Ataúro, comerciantes do mercado de Beloi, e funcionários estrangeiros e locais de organizações não governamentais internacionais e nacionais. Todas essas pessoas contribuíram imensamente para este trabalho.

1.3 O poder do campo

Renata Nogueira me disse algo valioso: “O campo não cabe em uma monografia”. Seria mesmo impossível tratar, neste trabalho, de tudo que observei e vivi em Timor-Leste. Além dos muitos dados coletados por meio da observação participante, entrevistas gravadas e fotografias, o trabalho de campo foi um período de muitos afetos e acolhimentos. Em Timor, fiz grandes amizades. Foi um período de muita alegria. Quando estava lá, sentia saudade do Brasil, mas, quando cheguei, senti saudade da vida que tinha em Timor. Continuo sentindo muita saudade mesmo depois de mais de dois anos do meu regresso ao Brasil.

James Clifford (1997, p. 23, tradução nossa) narra que “o campo é uma casa longe de casa, uma experiência de habitação que inclui trabalho e crescimento.” Essa afirmação de Clifford (1997) ilustra perfeitamente a sensação que tive em terras leste-timorenses. Senti que fiz morada em Díli, na casa que dividi com Luci, e principalmente em Ataúro, junto aos meus interlocutores que tão gentilmente me acolheram. Além disso, foi em campo que tive a experiência mais intensa com o fazer antropológico. Esse período foi, sem sombra de dúvidas, uma das etapas mais importantes da minha graduação. Para além da pesquisa, estar em um outro país, tão distante do Brasil, foi desafiador. Voltei ao Brasil não apenas com dados do campo, mas com uma bagagem de afetos e aprendizados.

Ter aprendido o idioma tétum foi algo extremamente relevante no campo. Aprendi esse idioma ao mesmo tempo que convivia com os meus interlocutores. Sem a paciência deles, teria sido impossível aprender o tétum e este trabalho não existiria da forma que aqui está. Foi o aprendizado dessa língua que possibilitou diálogo com aqueles que gentilmente conversaram

tantas vezes comigo sobre suas vidas. Os dados que coletei durante esse período são frutos das tantas interações cotidianas e nada banais que tive com os moradores de Usubemaço: nas conversas debaixo das mangueiras e durante as refeições, nas idas semanais aos cultos assembleianos, na participação em cerimônias de casamento, nos banhos de chuva e nas idas ao mar; enfim, no dia a dia.

1.4 Ser *malae*, ser mulher, ser pesquisadora, ser hóspede

Escrevo esta seção inspirada nas conversas que tive com Lucivânia Gosaves (2020) durante todo o campo e no que ela escreveu em sua dissertação de graduação na seção “Ser *malae* (mas nem tanto)”. Além disso, as reflexões tecidas por Andreza Ferreira (2016) em sua dissertação de graduação na seção “Ser *malae* mulher” contribuíram muito para que eu considerasse esta seção importante para entender os meus percursos no trabalho de campo. O artigo escrito por Kelly Silva (2007), minha orientadora, intitulado “O poder do campo e o seu campo de poder” também foi importante para que eu compreendesse como certos traços da minha identidade influenciaram no meu trabalho de campo em Timor-Leste. Lucivânia Gosaves (2020), Andreza Ferreira (2016) e Kelly Silva (2007), assim como eu, fizeram pesquisa de campo em Timor-Leste e foram atravessadas por essas, e outras, marcas. Nesta seção busco narrar como ser *malae*, mulher, hóspede e pesquisadora moldaram o meu trabalho de campo.

Malae é a palavra em tétum para se referir a estrangeiro. Em Díli, quando eu saía à rua frequentemente ouvia crianças leste-timorenses gritando em minha direção: *malae! Malae!* A minha aparência denotava que eu era uma estrangeira naquele país. Além de *malae*, eu era lida como *malae mutin*. Uma estrangeira branca. Em Ataúro, ainda que houvesse um fluxo de turistas estrangeiros considerável pelo fato de a ilha ser um dos principais destinos turísticos do país, senti que a minha presença constante na aldeia Usubemaço causava certa curiosidade. No entanto, conforme circulava constantemente entre as casas da AHA, no mercado e nos cultos assembleianos, senti que minha frequência ali pareceu, em alguns momentos, ter sido naturalizada ao menos por alguns dos residentes da aldeia. Depois de alguns meses frequentando a aldeia, às vezes as mulheres me pediam para cuidar de seus filhos enquanto faziam alguma tarefa doméstica e a minha contribuição com o preparo das refeições já não era sempre rejeitada. Houve, contudo, uma situação curiosa. Narro abaixo.

Na festa de fim de ano de um dos grupos da aldeia, um evento importante, insistiram para que eu, Luci, que estava em Ataúro, e um casal de estrangeiros sentássemos à mesa junto a algumas das principais autoridades da aldeia. Era a primeira vez que o casal *malae* estava na

ilha. Eles estavam passeando e ficaram curiosos quando viram uma aglomeração. Perguntaram a alguém, que logo os convidou para a festa e os colocou na mesa principal. Sei disso porque conversamos enquanto estávamos todos, os *malae*, um pouco envergonhados por estarmos naquele lugar importante. Ainda que eu tenha insistido para não ocupar aquele espaço, porque estava um pouco embaraçada, logo cedi, pois me pareceu que era relevante naquela ocasião que os visitantes *malae* fossem bem recebidos na festa e eu também era uma visitante *malae* ali.

Como indiquei nas seções acima, a temática central do meu trabalho foi a transformação de casas de família em acomodações turísticas do tipo *homestay* na aldeia Usubemaço, na Ilha de Ataúro. Eu e Luci tínhamos alugado uma casa em Díli, mas uma vez que a minha pesquisa era em Ataúro, tive de pensar em maneiras de também ter uma “casa” na aldeia Usubemaço. Escolhi, portanto, hospedar-me nas *homestays* que são um dos temas centrais deste trabalho. Enquanto hóspede, paguei pela hospedagem, na maior parte do período em que estive lá, como qualquer outra turista estrangeira. No entanto, em certas datas, fui isenta do pagamento. Nas festas de Natal e Ano Novo, por exemplo, Estevão e Lourdes disseram que eu era uma convidada e, portanto, não deveria pagar pelas diárias. Pagar pela hospedagem e, logo, ser hóspede durante quase todo o período em que estive na aldeia fez com que muitas das observações que estão aqui dispostas tenham sido resultado da minha interação enquanto hóspede com os meus interlocutores que assumiam o papel de anfitriões. Contudo, além de hóspede, eu era pesquisadora. Uma pesquisadora que se hospedava no próprio objeto de estudo.

Nos trajetos Díli – Ataúro, Ataúro - Díli era comum alguém, geralmente homens lestemorenses, aproximar-se de mim e puxar assunto. Em alguns desses percursos eu era uma das únicas *malae* mulheres que estavam na embarcação e isso parecia chamar a atenção no ambiente. Às vezes, eu me sentia desconfortável quando eles pediam meu contato ou faziam perguntas que eu considerava invasivas. No entanto, houve situações em que conheci pessoas com quem pude conversar sobre a pesquisa que fazia em Ataúro. Quando isso acontecia, apresentava-me como estudante brasileira que estava em Timor-Leste para entender como a atividade turística ocorria em Ataúro. Sentia que me apresentar como estudante e pesquisadora de uma universidade brasileira fazia com que as pessoas se mostrassem disponíveis para me ajudar com os meus estudos/a pesquisa. Apresentei-me dessa forma aos funcionários da *Blue Ventures* e aos membros da AHA, e eles passaram a me apresentar assim para outras pessoas. Ser lida como pesquisadora me deu credencial para eventos exclusivos na aldeia como treinamentos dos associados da AHA, *workshops* de organizações internacionais e algumas cerimônias.

A minha câmara fotográfica foi uma grande aliada durante o trabalho de campo. Na primeira vez que me hospedei em uma das casas da AHA, na *Estevão's Homestay*, apresentei-me como pesquisadora e perguntei se poderia tirar fotos da preparação das comidas que seriam vendidas no mercado de Beloi. A resposta foi afirmativa. Além disso, pedi para tirar fotos das crianças já com o objetivo de imprimi-las em Díli e presentear a família com as fotografias na próxima vez que voltasse a Ataúro. Assim o fiz. Eles pareceram adorar o presente. Passei, então, a tirar fotos de tudo e todos, e imprimi-las todas as vezes que voltava a Díli. Sempre que chegava a Ataúro, distribuía as fotografias impressas aos respectivos modelos. Dessa forma, passei a ser chamada para fotografar certas pessoas e eventos. *Hasai foto, mana Lu! Tire foto, mana Lu!*

Ser mulher e performar aspectos da feminilidade também foram fatores importantes no trabalho de campo. Como narrei acima, algumas vezes homens se aproximavam de mim e faziam perguntas que eu considerava invasivas. Por isso, passei a evitar principalmente homens jovens. Felizmente, os membros da AHA eram mulheres e homens casados que tinham entre 30 a 40 anos. Esse grupo de homens, que muito colaborou com esta pesquisa, era extremamente respeitoso comigo. Em Usubemaço, os papéis de gênero eram fortemente marcados pela influência dos costumes locais e da igreja Assembleia de Deus. Ser reconhecida como mulher e performar aspectos reconhecidos localmente como femininos como, por exemplo, interessar-me pela preparação das refeições e gostar de crianças fez com que as minhas interlocutoras se sentissem mais confortáveis com a minha presença. Tenho dúvidas de que teria conseguido me aproximar delas se não fosse reconhecida por elas como também uma mulher.

1.5 Escrita da monografia

A escrita de um trabalho acadêmico tende a gerar muitas ansiedades nos escritores. A minha experiência não foi diferente. No entanto, apesar das tantas aflições, descobri algumas amenidades. Assim, para apresentar aos leitores um pouco do meu processo de escrita e com a pretensão de contribuir com os processos de quem lê esta dissertação, escrevo esta seção.

Primeiro, gostaria de fazer algumas considerações sobre os tempos que aparecem neste trabalho: 1. Esta dissertação foi escrita durante a pandemia de COVID-19, quase três anos após o meu regresso de Timor-Leste; 2. Optei por utilizar os verbos no pretérito para marcar o período específico em que estive em campo, entre setembro de 2018 e janeiro de 2019. Faço isso para indicar que muitas das informações aqui dispostas podem ter se modificado ou, agora, não condizem mais com a realidade presente.

Em segundo lugar, gostaria de discorrer brevemente sobre os idiomas que perpassam esta pesquisa. Como contei acima, em Timor-Leste, aprendi a língua tétum. O meu aprendizado se deu sobretudo pela convivência com os meus principais interlocutores na Ilha de Ataúro. No entanto, apesar do grande conhecimento de tétum que adquiri em campo, não posso dizer que tive domínio completo desse idioma. Assim, ainda que tenha realizado entrevistas, conversado e me comunicado bem em tétum, tenho certeza de que muitas informações se perderam na tradução. A língua inglesa também foi importante para construir esta monografia. A comunicação e, além disso, a socialização que tive com os funcionários não timorenses das organizações internacionais foi em inglês. Além disso, o inglês também ajudou no aprendizado de tétum visto que muitos dos meus interlocutores tinham mais conhecimento de inglês do que de português.

De volta ao Brasil, com um trabalho de campo realizado, no primeiro semestre de 2019, cursei a disciplina Métodos e Técnicas em Antropologia Social com a Prof. Dra. Soraya Fleischer. Nessa disciplina, lemos algumas dissertações de graduação de colegas do curso de Antropologia na UnB. Soraya dizia que para escrevermos boas monografias de graduação, precisávamos ler boas monografias. Essa dinâmica, além dos outros tantos ensinamentos que aprendi com Soraya, contribuiu bastante para pensar esta dissertação.

A escrita foi amenizada pela leitura do livro *Truques de Escrita* de Howard Becker. Nesse livro, o sociólogo reflete sobre o processo de escrita acadêmico. Compreender a escrita como um processo me libertou. Não mais horas presa a um parágrafo, joguei palavras nas páginas do Word e as teci. Escrevi e reescrevi, assim como sugere Becker (2015). Entendi que a escrita é reescrita contínua e isso fez com que escrever uma monografia não fosse uma tarefa tão difícil. Os ensinamentos de Becker (2015) foram reforçados na orientação que recebi da Prof. Dra. Kelly Silva. Kelly me estimulou a escrever e reescrever os meus produtos de pesquisa. Além disso, sob a orientação dela, produzi fichamentos, relatórios, análises e outros produtos, que muito contribuíram para escrever esta monografia.

Considerações Iniciais

Durante o período em que estive em Timor-Leste, ouvi diversas vezes, tanto de leste-timorenses quanto de estrangeiros, que o turismo estava em fase inicial no país. Algumas dessas pessoas, ao afirmarem tal coisa, alertavam-me para uma possível dificuldade que eu teria para encontrar informações relevantes sobre um setor que, de acordo com eles, era ainda incipiente. No entanto, no decorrer do trabalho de campo, percebi que, embora considerado por estrangeiros, alguns leste-timorenses e atores de governança como uma atividade embrionária em Timor-Leste, o turismo ocupava um espaço expressivo no cotidiano daqueles que foram os meus principais interlocutores em campo. A partir dessa percepção este trabalho nasceu.

Antes de chegar à Ilha de Ataúro e, especificamente, às casas de família que se transformaram em acomodações turísticas na aldeia Usubemaço, tema central desta monografia, tento, nesta seção, introduzir o (a) leitor (a) em alguns temas essenciais para a compreensão do meu objeto de estudo. Assim, considero importante, primeiro, contextualizar brevemente a história desse país.

Timor-Leste é um dos mais novos Estados do mundo, tendo como data de restauração de sua independência o ano 2002. Localizado no Sudeste Asiático, o país, após uma colonização portuguesa de quatro séculos e meio, foi, em 1975, invadido pela Indonésia. Indonésios ocuparam o território por 24 anos. Entre 1999 e 2002, Timor-Leste presenciou uma administração transitória das Nações Unidas, que objetivou a construção do Estado-nação leste-timorense.

No processo de construção do Estado, que ainda está em curso, diferentes complexos de governança atuantes no país, como a Igreja, organizações não governamentais nacionais e internacionais e o próprio Estado, têm se esforçado, segundo Kelly Silva (2016), para transpor projetos modernos de organização social e subjetivação na estruturação da nação leste-timorense. Andreza Ferreira (2015, p. 12) aponta que

Em diferentes partes do mundo, a instauração de projetos de modernização caminhou passo a passo com a instauração de novos modos de produção de objetos e reprodução de pessoas. Objetos transfiguraram-se em mercadorias e as pessoas em trabalhadores. Processos desta ordem são efeitos de fenômenos complexos, dos quais tomaram parte múltiplas instituições: Estados nacionais, instituições que se autodenominam religiosas, etc. Em Timor-Leste vemos implementar-se um enredo similar (FERREIRA, 2015, p. 12)

Além disso, Ferreira (2015, p.13) destaca que o processo de transposição da modernidade em curso em Timor-Leste implicou a comodificação de coisas que, antes da instituição Estado-nação, não circulavam como mercadoria, mas em outros regimes que não o de mercado.

Silva (2020, p. 9) indica que

[...] os esforços para diversificar a economia de Timor-Leste e melhorar o acesso da população rural ao dinheiro levaram várias instituições de governança a estimular a produção de *commodities* sobretudo para o mercado turístico.

De acordo com Silva (2020, p. 7), atualmente, a busca pelo desenvolvimento em Timor-Leste é, em grande medida, a busca pela construção de uma sociedade de mercado.

A presença de funcionários das Nações Unidas e outras agências internacionais, no período pós-independência acarretou em um rápido crescimento do setor de hospitalidade e estimulou o número de visitantes estrangeiros em Timor-Leste (QUINTAS, 2015). Nesse contexto, Tolkach e King (2015) apontam que o turismo foi identificado como uma prioridade de desenvolvimento pelo governo e por várias organizações internacionais, pois oferece a perspectiva de diversificar a economia, gerar emprego e promover o desenvolvimento rural. José Quintas (2015) narra que o “Plano Estratégico de Desenvolvimento de Timor-Leste 2011-2030” destacou o turismo como um dos principais pilares da economia do país.

Uma das estratégias importantes de desenvolvimento do turismo em Timor-Leste é, de acordo com Quintas (2015), conduzir a imagem do país, no mercado internacional de turismo, atrelada à ideia de preservação dos recursos naturais e sustentabilidade. Nesse sentido, o turismo de base comunitária tem sido difundido pelos atores políticos como um meio para o desenvolvimento econômico das comunidades rurais leste-timorenses. Essa abordagem está alinhada à visão de que o desenvolvimento adequado do turismo deve ser constituído de participação ativa da comunidade, minimização dos impactos ambientais negativos (TOLKACH; KING, 2015) e partilha equitativa dos benefícios socioeconômicos provenientes da atividade turística (CORREIA, 2013, p. 27).

Januário Correia (2013, p. 27) narra que, normalmente, nas comunidades leste-timorenses costeiras, a principal fonte de renda é a agricultura e a pesca. Nesse sentido, o desenvolvimento do turismo de base comunitária pode diversificar as fontes de renda e aumentar o rendimento das famílias. Essa perspectiva do turismo, de acordo com Correia (2013, p. 27), promove à comunidade oportunidades de criação de empreendimentos turísticos como pequenos restaurantes, serviços de guia turístico, pequenas pousadas e acomodações do tipo *homestays*.

Homestays são acomodações turísticas familiares. Esse tipo de acomodação é compreendido como um produto do turismo de base comunitária visto que as *homestays* são iniciativas geralmente colaborativas e, portanto, envolvem a participação ativa da comunidade. Além disso, o dinheiro pago pela hospedagem tende a ficar para as famílias que operam as

acomodações (ACHARYA; HALPENY, 2013). Em encontro com a definição de Kontogeorgopoulos et al. (2015, p. 31), compreendo que as *homestays* representam o processo de comercialização de uma casa. Nesse sentido, o espaço residencial é utilizado para fins lucrativos. O autor sugere que, como forma de acomodação, as *homestays* ocupam um meio-termo entre os ambientes íntimos de um ambiente doméstico familiar e os ambientes comerciais e informais encontrados em instalações de hospedagem mais convencionais.

A organização não governamental e operadora turística internacional *Blue Ventures* chegou a Timor-Leste em 2016. Ainda nesse ano, deu início a atividades relacionadas à conservação marinha na Ilha de Ataúro. A Ilha de Ataúro é um dos principais destinos turísticos de Timor-Leste. A ilha faz parte da Zona Especial de Economia Social de Mercado (ZEESM). Segundo a organização *Conservation International*, Ataúro está rodeada pelas águas com a maior biodiversidade marinha do mundo. Esse fato é utilizado por organizações internacionais de conservação marinha como *Conservation International* e a *Blue Ventures*, e organizações não governamentais locais como a *Asosiasaun Turizmu Koleku Mahanak Ataúro* (ATKOMA), para a reivindicação de um turismo comunitário e de baixo impacto ambiental.

A *Blue Ventures*¹⁰ tem como parte de seu programa para Timor-Leste atividades que promovam diversificação da economia local por meio do turismo de base comunitária. Nesse contexto, a organização criou, junto a oito famílias da aldeia Usubemaço, na Ilha de Ataúro, a Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA). O objetivo desta monografia é narrar o processo de transformação dessas casas em *homestays* a partir da experiência de um trabalho de campo ocorrido entre 2018 e 2019 em Timor-Leste seguido de pesquisa bibliográfica e escrita entre 2019 e 2021 no Distrito Federal. A minha intenção é descrever e analisar as maneiras pelas quais as famílias e as casas se modificaram com a comercialização dessas residências para o mercado turístico.

Silva (2016, p. 129) afirma que, em Timor-Leste, como em outros diversos contextos, há a coabitação de regimes de troca. Nesse sentido, inspiro-me na autora e sugiro que, nas casas que são *homestays*, coabitam diferentes sentidos e usos a depender dos contextos que as atravessam. Essa coabitação de significados, que estão em constante movimento, gera, assim como Igor Kopytoff (2008) propõe, diversas possibilidades de biografia social e cultural. Partindo dessa premissa, busco narrar e compreender as maneiras pelas quais as casas da AHA foram transformadas em razão de sua comodificação e os modos pelos quais seus moradores apreenderam e perceberam essas mudanças.

¹⁰ Ver mais em: <https://blueventures.org/exploring-timor-leste/>

Faço, nesta monografia, um caminho: início a trajetória desta etnografia contando, no Prólogo, o meu percurso desde antes de ir a Timor-Leste até a escrita desta monografia. Nessa seção, como o (a) leitor (a) deve ter percebido, narro como o campo se fez e o tema desta dissertação foi escolhido. Além disso, trato de questões relativas à minha identidade, à experiência do trabalho de campo em um outro país e ao processo de escrita.

O próximo passo é esta seção, as “Considerações Iniciais”, em que apresento brevemente o contexto do tema deste trabalho.

Sigo, então, para o primeiro capítulo, “A Ilha de Ataúro e a Associação de *Homestays* de Atauro (AHA)”, com o objetivo contextualizar o lugar onde se deu o meu trabalho de campo e, além disso, apresentar o histórico da Associação de *Homestays* de Ataúro, que é parte essencial do meu objeto de estudo.

Continuo a trajetória com o segundo capítulo, “A biografia da casa”. Nesse capítulo, inspirando-me nos argumentos de Kopytoff (2008), narro a biografia social da casa demonstrando os seus usos, sentidos e formas no contexto que observei em Ataúro.

Prossigo para o terceiro capítulo, “A casa se transformando em *homestay*”, analiso como os processos de capacitação para a operação das *homestays* foram apreendidos pelos operadores e, além disso, relato as percepções dos meus interlocutores sobre as mudanças que ocorreram em suas vidas desde a criação das *homestays*.

O passo seguinte é o quarto capítulo, “Os dilemas”. Nesse capítulo, narro um conflito que se deu na comunidade em razão da operação da AHA e, além disso, analiso a intensificação do trabalho doméstico feminino quando a casa passa a ser, também, acomodação turística.

Capítulo 01: A Ilha de Ataúro e a Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA)

2.1 Considerações iniciais sobre o primeiro capítulo

Escrevo esta seção com o objetivo de situar o (a) leitor (a) no espaço. Nas seções anteriores, aponte que o meu trabalho de campo em Timor-Leste se deu na Ilha de Ataúro. Embora eu já tenha evidenciado, no Prólogo e na Considerações Iniciais, o meu percurso até os meus principais interlocutores, gostaria de salientar que a localidade onde estive o meu objeto de estudo é a aldeia Usubemaço no *suko* Beloi. Faço essa distinção, nesse texto que introduz o capítulo, pois, nas seções abaixo, o (a) leitor (a) perceberá que, ainda que eu descreva a organização territorial da ilha, há, não por acaso, mais informações sobre a aldeia Usubemaço.

Tento, neste capítulo, informar o (a) leitor (a) sobre parte das configurações políticas, geográficas, econômicas e sociais do cenário onde está a Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA). Assim, após apresentar dados sobre a Ilha de Ataúro e, especialmente da aldeia Usubemaço, narro o histórico dessa associação a fim de fornecer a quem lê esta monografia condições para compreender os capítulos que seguem.

2.2 A Ilha de Ataúro

A Ilha de Ataúro está localizada a 25km de Díli, capital de Timor-Leste, compreende uma área de 117 km² e tem uma população de aproximadamente 8 mil pessoas. Ataúro é organizada em cinco *sukos* - nome em tétum para as divisões administrativas locais, formadas por um coletivo de aldeias. Os *sukos* são: Beloi, Vila Maumeta, Makili, Makadade e Bikeli. Na aldeia Usubemaço há, de acordo com o censo de 2010 realizado pelo governo leste-timorense, aproximadamente 700 pessoas.

Diferentemente do restante do país, onde a maior parte da população é católica e os protestantes constituem apenas 1,79% da população, em Ataúro, 80% da população frequenta a Assembleia de Deus. Essa disparidade ocorreu devido à reduzida atuação da Igreja Católica na ilha, que acabou por favorecer o trabalho de missionários protestantes que vinham das ilhas indonésias próximas a Ataúro. Ainda assim, há presença e atuação da Igreja Católica em Ataúro, sobretudo em Makili, onde a maior parte da população é católica. Em Makadade e Vila Maumeta, os assembleianos correspondem a mais da metade e, em Beloi e Bikeli, a população é totalmente assembleiana (BICCA, 2011, p. 25).

A configuração religiosa de Ataúro é relevante para entender quais são os atores políticos que atuam na ilha. Não sou capaz de descrever como é a estrutura política de outros locais que não a aldeia Usubemaço, em Beloi, onde realizei pesquisa. No entanto, sei que, na ilha, diferentes lideranças, eleitas por voto direto ou por hereditariedade, atuam na administração política de cada *suko* e aldeia (BICCA, 2011, p. 33). Na aldeia Usubemaço, observei que as principais lideranças eram: o chefe de *suko* e chefe de aldeia, eleitos por voto direto, o administrador da ilha, cargo de confiança indicado pelo administrador de Dili, e os pastores da Assembleia de Deus.

O comércio de alimentos, na ilha, dava-se por meio dos *keos*¹³ e dos mercados. O mercado de maior dimensão espacial e com mais fluxo de pessoas era o que acontecia em Usubemaço. Em Vila Maumeta e Makili, também aconteciam mercados, mas, pelo que ouvi e vi quando estava lá, tinham menor público visto que, em Usubemaço, o mercado era voltado principalmente aos turistas que chegavam à ilha. Nesse mercado, vinham pessoas de todas as regiões de Ataúro para vender não apenas alimentos, mas outros objetos produzidos localmente. Eram vendidos peixes, coco, pratos típicos, biojoias, alga marinha comestível, cestas tradicionais e estátuas. Além dos moradores de Ataúro, vinham também pessoas de todo Timor-Leste para comercializar roupas, produtos industrializados, utensílios domésticos, frutas, verduras e celulares. Na aldeia Usubemaço, havia, além do mercado cujas bancas de verduras e legumes ficavam sempre abertas, quatro *keos* e uma loja chinesa, que vendiam diversos produtos, desde roupas e calçados a alimentos. Os *keos*, a loja chinesa e parte do mercado eram abastecidos aos sábados e às quintas, quando os *ferries Nakroma* ou *Laju-Laju* aportavam no cais de Beloi. Era por meio dos *keos* e do mercado que a maior parte dos empreendimentos turísticos eram abastecidos na aldeia Usubemaço.

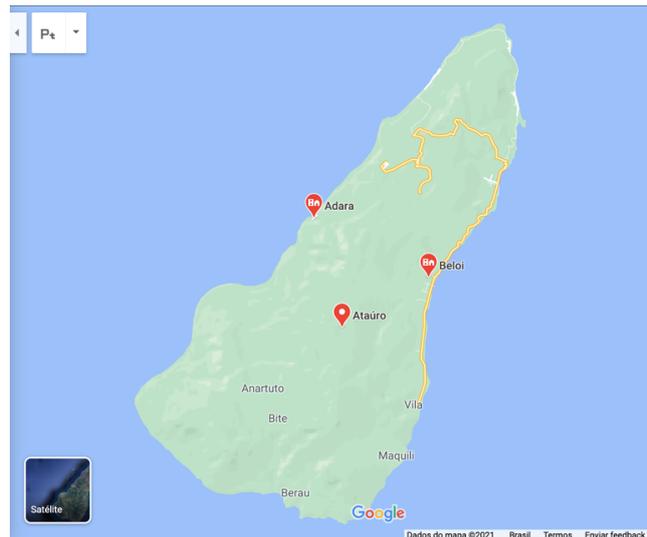
¹³ Os *keos* são mercearias onde produtos como arroz, água, cigarro, crédito para o celular, entre outros, são vendidos.

Figura 11 - Mercado de Beloi

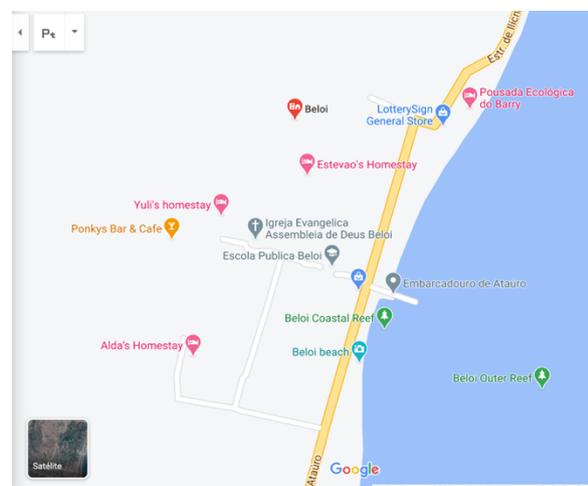
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Os principais meios para fazer o percurso Díli – Ataúro ou Ataúro – Díli quando estive em Timor-Leste, além dos barcos dos pescadores locais, eram: o *ferry* público *Nakroma* que custava, 4 dólares o bilhete de ida ou volta, e fazia o trajeto aos sábados; o *ferry Laju-Laju*, que fazia o percurso nas quintas e custava 3 dólares; e o *Dragon Fast Boat* cujo tempo de viagem era inferior aos outros e, portanto, o valor do percurso custava mais caro, 18 dólares o bilhete de ida ou volta. Os *ferries* e o *Dragon* saíam do porto em Díli e, conforme escrevi acima, atracavam no cais de Beloi.

O principal porto da ilha era o cais que ficava na aldeia Usubemaço. Assim, era lá onde as principais embarcações com turistas chegavam. Avelino, coordenador da *Asosiasaun Turizmu Koleku Mahanak Ataúro* (ATKOMA), disse-me que, em razão do porto, havia uma concentração de empreendimentos turísticos na aldeia Usubemaço. Esse fato acabava por centralizar a atividade turística em Beloi e em Vila, preterindo outras partes da ilha uma vez que não havia outros portos, e as condições das estradas que ligavam as aldeias e os *sukos* eram ruins. Além disso, em relação à infraestrutura, a energia e o abastecimento de água eram limitados nas aldeias (QUINTAS, 2015). Na aldeia Usubemaço, a energia elétrica estava disponível apenas durante a noite e a água era abastecida nas casas por meio de alguns poços existentes na aldeia.

Figura 12 - Mapa da Ilha de Ataúro

Fonte: Google Maps, 2021

Figura 13 - Mapa da Aldeia Usubemaço

Fonte: Google Maps, 2021

Havia na ilha algumas possibilidades de hospedagem. As principais acomodações turísticas estavam concentradas em Beloi e Vila Maumeta devido ao porto, que era a porta de entrada e saída dos turistas. No entanto, havia também acomodações turísticas em outras regiões da ilha¹⁴. Visto que o trabalho de campo que realizei esteve concentrado sobretudo no contexto da aldeia Usubemaço, em Beloi, cito a seguir as hospedagens que havia no local: o *Tua-Koin Eco-Lodge*, *Compass Atauro Beach Eco-Lodge*, o *Beloi Beach Hotel*, o *Barry's Place*, *Atauro Dive Resort* e as *homestays* da Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA). Enquanto estive

¹⁴ Em Makadade, *Carlito's Homestay*. Em Makili, *Guesthouse Padre Luis*. Em Bikeli, *Pinorama Homestay*. Em Vila, *Vila Gracia Guesthouse*, *Trisan Guesthouse*, *Manucoco Rek Guesthouse*. Em Adara, *Mario's Place*. Em Atekru, *Afonso Ecolodge* e *Moises Ecolodge*. Para ver mais sobre: <https://ataurotourism.org/where-to-stay-eat/>

lá, notei que os lugares mais populares entre os turistas eram o *Beloi Beach Hotel*, a opção mais cara, o *Atauro Dive Resort*, o *Barry's Place* e as *homestays* da AHA, a opção com menor custo.

“O mar é bonito e é um lugar tranquilo” foi o que Avelino, coordenador da ATKOMA, disse-me sobre o porquê de Ataúro ser um destino atraente para os turistas. Além disso, na ilha, não havia crocodilos como em diversos outros destinos de Timor-Leste. Nesse contexto, muitos turistas chegam à ilha atraídos pela possibilidade de fazer mergulhos. O turismo tem sido, assim, um fenômeno de implicações relevantes nas vidas dos residentes da ilha. Na aldeia Usubemaço, no passado, a pesca era a ocupação primária da maior parte das famílias (QUINTAS, 2015). No entanto, visto que era lá onde estavam os empreendimentos turísticos mais populares entre os turistas, como os *ecolodges* e o hotel, muitos moradores prestavam serviços nesses locais e, assim, o acesso dos mesmos ao dinheiro se pluralizou, indo além da venda de peixes. Certas organizações, que tinham trabalhos na ilha e sede na aldeia, como a *Empreza Di'ak*¹⁵ e a *Blue Ventures*, também empregavam alguns dos residentes.

Em 2017, a Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA) foi criada na aldeia sob a coordenação da organização não governamental *Blue Ventures*. Oito casas de família se tornaram acomodações turísticas, sob o nome de *homestays*, e passaram a receber turistas. A renda dessas famílias, antes do funcionamento da AHA, provinha sobretudo da venda de coco, peixe e *katupa* no mercado de Beloi. Além disso, algumas pessoas tinham empregos na capital Díli e/ou em outros empreendimentos que operavam na ilha. Com a atividade regular da AHA, a renda das famílias passou a ser em torno de quatro vezes mais. Esse aumento gerou diversas consequências para as famílias e para a comunidade. Na próxima seção, trato da criação da AHA.

2.3 Associação de Homestays de Ataúro (AHA)

As *homestays* e a Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA) são parte central deste trabalho. Nesse sentido, escrevo esta seção neste capítulo, pois julgo importante apresentar a história da AHA e fazer uma breve conceitualização da acomodação turística do tipo *homestay* antes de traçar a biografia da casa, pensar na transformação da casa em *homestay* e nas consequências desse fato – temas dos capítulos seguintes.

Utilizo, nesta monografia, a palavra *homestay*, em língua inglesa, não por falta de traduções em língua portuguesa, mas devido ao termo ter sido mobilizado dessa forma pelos

¹⁵ A *Empreza Di'ak* é uma organização não-governamental nacional que atua junto a comunidades na Ilha de Ataúro na produção de artefatos para o mercado turístico. Ver mais em: <https://empreza-diak.com/>

meus interlocutores durante o trabalho de campo. *Homestay* poderia ser traduzido para a língua portuguesa como hospedagem domiciliar. As *homestays* são "casas comerciais", ou seja, tipos de acomodação em que turistas pagam para ficar em casas de família. Nessas acomodações, geralmente, há interação e partilha do espaço doméstico entre a família e o turista (LYNCH, 2009). Em 2017, a organização *Blue Ventures* propôs para oito famílias da aldeia Usubemaço a criação de um grupo, a Associação de *Homestays* de Ataúro. Essas famílias transformaram suas casas em acomodações turísticas e passaram a receber turistas em troca do pagamento em dinheiro pela hospedagem em suas casas.

Figura 14 - Yuli's Homestay



Fonte: Página virtual da ATKOMA¹⁶

A *Blue Ventures* é uma empresa social com sede no Reino Unido que funciona como operadora turística internacional, organização não-lucrativa e de caridade. De acordo com o site da empresa¹⁷, a *Blue Ventures* “desenvolve abordagens transformadoras lideradas localmente para catalisar e sustentar a conservação marinha.” A organização trabalha “em locais onde o oceano é vital para as culturas e economias locais” e se empenha em “proteger a biodiversidade marinha de formas que beneficiem as populações costeiras.” Suas operações ocorrem principalmente em Belize, Madagascar e Timor-Leste, pois, de acordo com o site, esses países “estão na linha de frente da mudança climática e do declínio dos estoques pesqueiros e dependem do oceano para proteger seus meios de subsistência” e, além disso, estão “localizados

¹⁶ Disponível em: <https://ataurotourism.org/wp-content/uploads/Yuli-Exterior-1.jpg> Acesso em fev. 2021.

em áreas remotas subdesenvolvidas, e abrigam uma incrível biodiversidade de espécies marinhas tropicais.” Nesses locais, a organização atua por meio de projetos de conservação marinha junto às comunidades costeiras. Parte dos programas da empresa em Belize, Madagascar e Timor-Leste utiliza a mão de obra e finanças de voluntários internacionais para desenvolver pesquisas, e monitorar os recifes de coral e ecossistemas nesses países (COUSINS, 2007, p. 1026).

Os voluntários são atraídos aos programas da *Blue Ventures* por meio de expedições de conservação marinha que a empresa organiza. Os destaques do programa de voluntariado são, de acordo com a organização: treinamento em ciências da conservação marinha, pesquisa subaquática em lugares com grande biodiversidade, conexão com comunidades costeiras e contato com uma nova cultura, mergulhos e atividades comunitárias. Para se candidatar a atuar como voluntário em uma expedição de conservação marinha da *Blue Ventures* é preciso pagar em torno de 1000 a 3000 euros a depender da experiência do voluntário com mergulho e da quantidade de semanas em que estará envolvida na expedição. Compõem os pacotes de expedição os seguintes serviços: acomodação, alimentação, treinamento de mergulho, mergulhos e parte do equipamento para mergulhar, atividades e tours.

No início de 2016, a *Blue Ventures*¹⁸, assinou um acordo formal de parceria com o governo leste-timorense para desenvolver e promover a conservação marinha, fornecer serviços de pesquisa e consultoria e apoiar a indústria nascente de ecoturismo nas regiões de Oé-Cusse Ambeno e na Ilha de Ataúro. Nesse contexto, em 2016, a organização passou a atuar, em Ataúro, realizando o mapeamento da biodiversidade marinha da região por meio de funcionários da sede local da empresa e voluntários internacionais.

No início de 2017, a *Blue Ventures* coordenou a criação da Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA) junto a oito famílias da aldeia Usubemaço como uma forma de disseminar os benefícios do ecoturismo e reduzir a dependência da pesca como principal fonte de renda das famílias (Blue Ventures Homestays Toolkit, 2020, p. 9). Em um manual feito pela organização (ibid., p. 7), a *homestay* é definida como um quarto em uma casa de família voltado à hospedagem de turistas. Além disso, a *homestay* é compreendida pela organização como uma empresa familiar autossuficiente e, além de alojamento e alimentação, também pode fornecer outros serviços de apoio, como guia turístico e transporte local. Com a criação da AHA, os voluntários internacionais das expedições da *Blue Ventures* na Ilha de Ataúro passaram a ser hospedados, nas primeiras semanas da expedição, no *Barry's Place* e, depois, nas *homestays*

¹⁸ Ver mais em: <https://blueventures.org/partnering-conservation-timor-leste/>

da associação. Assim, tanto o *Barry's Place* como as famílias membros da AHA recebiam o dinheiro correspondente à hospedagem dos voluntários.

A partir de 2018, as casas parte da AHA passaram também a receber turistas independentes. Uma diária para hospedagem nessas acomodações custava 15 ou 20 dólares, a depender da escolha do turista por fazer duas ou três refeições na casa. Os turistas chegavam às *homestays* por meio da página da AHA na rede social *Facebook*, onde faziam uma reserva por mensagem, ou eram levados às *homestays* por indicação de algum morador da ilha assim que chegavam a Ataúro buscando hospedagem. Estevão era o coordenador da AHA e direcionava os turistas entre as oito *homestays*. Ele tentava fazer uma distribuição igualitária entre as famílias para que, assim, todas pudessem ter acesso ao dinheiro pago pela hospedagem.

As oito *homestays* que formavam a AHA eram: *Estevão's Homestay*, cuja família era composta por Estevão, sua esposa Lourdes e seus dois filhos; *Antônio's Homestay*, Antônio, sua esposa Albertina, e suas filhas Aliança e Ana; *Eliazer's Homestay*, Eliazer, sua esposa Mery e sua filha; *Alda's Homestay*, Alda, seu marido Afonso e seus quatro filhos; *Yulli's Homestay*, Yulli, seu marido e sua filha; *Zacaria's Homestay*, Zacarias, sua esposa e seus dois filhos; *Moises's Homestay*, Moises, sua esposa e seus quatro filhos; e *Rui's Homestay*, Rui, sua esposa e três filhas.

Durante o meu trabalho de campo na aldeia Usubemaço, tentei diversas vezes entender como foi feita a escolha dessas oito famílias, mas, com o tétum ainda em aprendizagem e as diversas versões que me contaram, não compreendi como se deu, de fato, a seleção. No entanto, replico aqui o que Zacarias, membro da AHA, contou-me. Zacarias me disse que a *Blue Ventures* perguntou a uma pessoa de Ataúro se ela conhecia pessoas locais que tinham uma casa “mais ou menos” para receberem turistas. A pessoa que foi questionada pela *Blue Ventures* disse que não havia casas aptas a receber turistas na aldeia. Contudo, a empresa argumentou que isso não era um problema, pois, eles emprestariam algum dinheiro às famílias para as reformas iniciais, e, aos poucos, conforme conseguissem rendimento com a hospedagem de turistas, essas pessoas poderiam melhorar a casa. Assim, a pessoa indicou as oito famílias. Desconfio que essa pessoa tenha sido Barry, dono do *Barry's Place*, pois Estevão me disse que Barry foi quem indicou sua casa para a *Blue Ventures*. No entanto, Zacarias usou a palavra em tétum *ema*, que pode ser traduzida como pessoa.

Zacarias também me informou que essas oito famílias não foram as primeiras a serem interpeladas pela *Blue Ventures*. Segundo ele, a empresa procurou outras famílias e apresentou o projeto, mas essas pessoas não quiseram, pois acreditavam que o rendimento proveniente da operação das *homestays* seria baixo e o trabalho para gerenciá-la seria demasiado. Assim,

Zacarias me disse que a segunda oportunidade foi dada às oito famílias que, na época que estive na aldeia, formavam a associação. De acordo com ele, as primeiras famílias que foram abordadas pela *Blue Ventures* e rejeitaram a proposta da *homestay* eram aquelas que tinham causado, à época do meu trabalho de campo, no segundo semestre de 2018, um conflito com os membros da AHA. Zacarias me disse que essas famílias estavam com inveja, pois a casa dos membros da associação estava boa e eles tinham conseguido aumentar suas rendas consideravelmente com a operação da *homestay*. Abordarei esse conflito e a questão da inveja no quarto capítulo desta monografia.

Parte do motivo da inveja de algumas pessoas da ilha contra os membros da AHA era, de acordo com o relato de Zacarias, devido à casa dos associados ser “*uma di’ak*”, que em português significa boa casa. As casas da AHA foram transformadas para que pudessem operar como *homestay*. Conforme o relato de Zacarias, as oito famílias receberam um empréstimo de 500 dólares da *Blue Ventures*. Esse dinheiro foi usado pelas oito famílias para adquirirem móveis e utensílios domésticos, e reformarem suas casas conforme os padrões estabelecidos pela organização. De acordo com a *Blue Ventures*, a casa deveria ter quartos privativos com cama, um armário ou cômoda, mosquiteiro e um ventilador elétrico. Além disso, as famílias deveriam participar de treinamentos de hospitalidade, cozinha e higiene oferecidos pela organização para estarem aptos a receber turistas. O processo de transformação das oito casas em *homestays* são os temas dos próximos capítulos.

Figura 15 - Panfleto digital da Associação de *Homestays* de Atauro

ATAÚRO HOMESTAY ASSOCIATION

Experience The Atauro Community Life With A Friendly Homestay Family

FOR BOOKINGS AND FURTHER INFORMATION

Estevao Marques (Tetun)
Homestay Coordinator
+670 7843 6324

Oldegar Massinga (English)
Operations and Conservation Coordinator
+670 7723 5600
Oldegar@blueventures.org

“ I really felt I was making new friendships and truly experiencing the local culture ”

Mackenzie Burke
Homestay Guest 2017

blue ventures beyond conservation

Dugong Seagrass ASSOCIATION

THE COMMUNITY

The people of Atauro are known for their friendly nature and warm hospitality. Your host family will make sure you feel right at home.

MARINE CONSERVATION

Located in the heart of the Coral Triangle, Atauro island has the most biodiverse waters in the world. The homestays allow host families to diversify their income and decrease their reliance on fishing. The Atauro community is working towards the sustainable management of their marine resources, ask your host family about it!

Full Board \$20
Including breakfast, lunch & dinner

Half Board \$15
Including breakfast & dinner

THINGS TO DO

A short boat ride from Timor-Leste's capital, Dili, the small island of Atauro offers the perfect getaway.

- Snorkel in the most biodiverse coral reefs in the world
- Hike around the island for breathtaking views
- Let your taste buds go wild and try the local cuisine
- Discover traditional handicrafts and support the local economy
- Engage in community activities such as sports, church and festivals

The rooms are basic but clean, comfortable and equipped with fans and mosquito nets

An unforgettable experience at an affordable price!

Fonte: Página no Facebook da Atauro *Homestay* Association (2018)¹⁹

¹⁹ Disponível em

<https://www.facebook.com/AtauroHomestays/photos/pcb.1536824549757585/1536821049757935/> Acesso em fev. 2021.

Capítulo 02: A biografia da casa

3.1 Considerações iniciais sobre o segundo capítulo

Escrevo este capítulo para demonstrar o porquê escolhi, nesta monografia, dar atenção à casa. Durante o período em que estive na Ilha de Ataúro, pude observar certas residências familiares que eram concomitantemente *homestays* e lares de famílias. A sobreposição de sentidos, usos e formas que o objeto casa adquiriu ao se tornar uma acomodação turística me pareceu interessante de analisar.

Julgo importante, nesse sentido, evidenciar o fato de que o termo casa, nos contextos leste-timorenses, evoca múltiplos significados. De acordo com Nogueira da Silva (2019, p. 53),

a palavra casa (*uma* em tétum) tem, no mínimo, três acepções: unidade de pertença (similar à linhagem); unidade de habitação (local de moradia/residência); local sagrado de culto e cerimônias, onde várias casas (linhagens) partilham experiências místicas e renovam alianças. (NOGUEIRA DA SILVA, 2019, p. 53)

Nesta dissertação, a casa é tratada como a unidade de habitação, local de moradia e lar. Além disso, sugiro que a casa assume também a identidade de *homestay*.

A fim de apresentar para o (a) leitor (a) algumas das possibilidades teóricas de pensar o objeto casa, inspiro-me nos argumentos de Daniel Miller (2011), Marcel Mauss (2017), Igor Kopytoff (2008), Arjun Appadurai (2008) e Rawiwan Oranratmanee (2012). O meu objetivo com essa demonstração teórica é analisar a casa como um objeto de agência e, além disso, como uma coisa detentora de biografia social (KOPYTOFF, 2008).

Um dos principais argumentos desta monografia é que, nas casas parte da Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA), havia uma sobreposição de formas, usos e sentidos. Nesse sentido, reservo uma seção deste capítulo para revelar as maneiras pelas quais essas casas se apresentam a depender da identidade que assumem. Um outro argumento fundamental deste trabalho é que a etapa *homestay* na vida social da casa corresponde à sua fase comercializada. Nesse sentido, dedico a última seção deste capítulo para analisar a comercialização da casa no contexto da AHA.

3.2 A casa

A casa, de acordo com Miller (2011, p. 122), é o elefante dos trecos. O autor usa essa expressão para ilustrar que casas são “coisas pesadas, imensas e difíceis de controlar”. De

acordo com o autor, diferentes partes interessadas e forças operam sobre as casas. Do exterior para o interior das casas, o Estado, proprietários de terra, empresas construtoras, autoridades locais, tendências arquitetônicas, ideologias globais, entre outros, participam de mundos de poder e diferença que são expressos em questões de gênero e classe, e relações domésticas, familiares e comunitárias.

Miller (2011, p. 76) propõe uma teoria da cultura material que supere o dualismo natural entre pessoas e coisas e, assim, dê contorno à ideia de que todo o sistema de coisas faz as pessoas serem quem são. Miller (2011, p. 103) argumenta que na teoria do dom de Marcel Mauss, é observado que é a circulação de coisas que cria a sociedade e, assim, a relação principal não diz respeito ao que a sociedade faz com as coisas, mas o contrário. Nesse sentido, de acordo com Miller (2011, p. 103), “o que chamamos sociedade e treco são na verdade separações artificiais oriundas do mesmo processo.”

Marcel Mauss (2017), no Ensaio sobre a dádiva, aponta que, no regime de trocas de dádivas Maori, alimentos, bens, talismãs, serviços, etc., circulavam como se houvesse uma troca constante de matéria espiritual. Nesse sentido, Mauss (2017, p. 221) narra que, nessas trocas, “misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas saem cada qual de sua esfera e se misturam.”

Miller (2011, p. 83) argumenta que “a lição da cultura material é que, quanto mais deixamos de notá-la, mais poderosa e determinante ela se mostra.” Assim, uma teoria da cultura material, segundo ele, percebe os objetos como agentes em uma hierarquia social de poder própria. Segundo Miller (2011, p. 122), “algumas vezes esses poderes se manifestam de formas extraordinárias e inesperadas, ocultos entre diferentes gêneros de cultura material, onde não os percebemos como poder.” Uma das coisas citadas pelo autor como objeto de grande agência é a casa.

Miller (2011, p. 141) defende que a casa, assim como qualquer treco, tem agência própria e “seus próprios poderes e propriedades que estão além de nós.” Reconhecer a casa como agente não significa, de acordo com o autor, perceber pessoas como “vítimas passivas ante ao objeto”, mas compreender que existem domínios de poder complexos operando sobre as relações entre pessoas e coisas. Nesse sentido, assim como aponta Oranratmanee (2012, p. 35), entendo que a casa pode ser compreendida como “um repositório de ideias socioculturais complexas, inter-relacionadas e contraditórias sobre as relações entre pessoas, lugares e coisas.”

Para compreender os usos, formas, trajetórias e sentidos (Appadurai, 2008) que a casa tem no contexto da aldeia Usubemaço, e, além disso, entender como se dá a relação entre a casa e as pessoas, adoto a sugestão de Igor Kopytoff (2008) sobre tratar das coisas por meio de suas

biografias. Kopytoff (2008) sugere que analisar as coisas por meio de uma abordagem biográfica possibilita compreender as dinâmicas de trânsito e simbolismo de uma coisa, e a sua relação com as pessoas. Traçar a biografia de uma coisa é, como Kopytoff (2008, p. 121) propõe, compreender a “história de suas várias singularizações, classificações e reclassificações num mundo incerto de categorias cuja importância se desloca com qualquer mudança do contexto”.

Arjun Appadurai (2008) narra que as coisas, assim como as pessoas, têm uma vida social e possuem, portanto, uma biografia cultural e social. Para compreender como se dá a circulação de coisas no mundo concreto e histórico, é necessário, portanto, de acordo com Appadurai (2008, p. 17), “seguir as coisas em si mesmas, pois seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos e suas trajetórias.” Nesse sentido, para descrever a vida social da casa busco, nesta dissertação, narrar a biografia da casa, explorando as formas, os usos e os sentidos desse objeto no contexto que observei em Usubemaço.

3.3 Formas, usos e sentidos da casa em Usubemaço

Pastor João, pastor na Assembleia de Deus da aldeia Usubemaço e pai de Estevão, coordenador e membro da AHA, certa vez me contou que antigamente, nos tempos de colonização portuguesa, não existiam casas como aquelas que podíamos ver, naquela ocasião, em Usubemaço. Ele, ao dizer isso, fazia referência à casa de alvenaria. Além desse tipo de estrutura, havia, na aldeia, a chamada casa tradicional, assim descrita pelos meus interlocutores. Essa estrutura era feita com madeira e folhas de palmeira.

Durante um treinamento que observei em novembro de 2018, membros de *homestays* de Raja Ampat²⁰ sugeriram aos associados da AHA que construíssem casas tradicionais, pois os turistas gostavam mais dessa estrutura. Conversando com Alda, membro da AHA, sobre as casas da aldeia, ela me disse que, para eles, moradores de Usubemaço, as casas de alvenaria eram melhores do que as casas tradicionais. Ela justificou a preferência dizendo que, ainda que as casas de alvenaria custassem consideravelmente mais, essa estrutura tinha uma vida útil superior às casas tradicionais. No entanto, Alda disse que ela e seu marido, Afonso, tinham planos de construir uma casa tradicional ao lado de sua casa de alvenaria para a hospedagem de turistas, pois, como sugeriram as pessoas de Raja Ampat, os visitantes gostavam mais da estrutura tradicional. Essa intenção não era apenas de Alda e Afonso. Antônio e Estevão,

²⁰ Raja Ampat é um conjunto de ilhas na Papua Ocidental, território pertencente à Indonésia.

também associados da AHA, mencionaram para mim o desejo construir uma casa tradicional para o uso exclusivo de turistas.

Na aldeia, a maior parte das casas era feita com a combinação de materiais tradicionais e modernos. Essa tendência arquitetônica local materializava-se principalmente da seguinte maneira: parte da cozinha ficava sob uma estrutura tradicional enquanto quartos, sala e banheiro estavam sob estruturas de alvenaria. Tanto as casas que eram *homestays* quanto a maior parte daquelas que não eram combinavam aspectos tradicionais e modernos. Algumas casas da aldeia, que não eram acomodações turísticas, poderiam, inclusive, ser confundidas com *homestays* à primeira vista se não houvesse uma placa na entrada das casas associadas à AHA que indicava que ali era uma *homestay*. No entanto, em comparação com as que eram também acomodações turísticas, as demais casas da aldeia, geralmente, tinham menos cômodos, e estes eram menores. Além disso, nessas casas havia menos eletrodomésticos e móveis, as fachadas não eram pintadas, geralmente não tinham varandas e o piso era de cimento.

Figura 16 - *Moises's Homestay*



Fonte: Página da ATKOMA²¹

Assim como mencionei na seção “Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA)” no primeiro capítulo, para que as famílias tornassem suas casas *homestays*, a empresa *Blue Ventures* demandou que houvesse transformações nas casas para que, assim, a *homestay* pudesse operar. Essas mudanças consistiram na construção e/ou reforma de cômodos, e na aquisição de móveis, eletrodomésticos e outros bens. Dessa forma, as oito casas que participavam da AHA passaram a ter dois quartos exclusivamente para o uso de hóspedes, cozinhas equipadas com utensílios domésticos elétricos, camas, ventiladores, entre outros.

²¹ Disponível em: < https://ataurotourism.org/wp-content/uploads/IMG_4104-scaled.jpg > Acesso em fev. 2021.

Essas mudanças adicionaram à casa novos usos, sentidos e formas (KOPYTOFF, 2008). Dessa forma, além da placa com a inscrição “*homestay*”, a utilização da casa para a hospedagem de turistas, a mudança contínua da forma e a adição de sentidos marcavam a distinção entre as casas da aldeia que eram *homestays* daquelas que não eram. Entre as oito casas parte da AHA também existiam diferenças de forma. Todas eram *homestays* vinculadas à associação e, portanto, atendiam aos padrões estabelecidos pela *Blue Ventures*. No entanto, distinguiam-se entre si pelo tamanho da estrutura de alvenaria, disposição espacial dos cômodos, e quantidade de eletrodomésticos e móveis, e pelas fachadas pintadas ou não.

Figura 17 - *Estevão's Homestay*



Fonte: Página da ATKOMA²²

Miller (2011, p. 159) narra que, para a maioria dos jamaicanos,

[...] o projeto de construir uma casa não era um ato único, algo que se fizesse de uma vez só. A maioria só pôde construir sua própria casa em etapas. À medida que o dinheiro se acumulava, a pessoa deitava a fundação para uma nova peça, terminava o piso de outra. Construir a casa era o trabalho de uma vida inteira e tornou-se, por sua vez, o modo principal pelo qual a própria vida era marcada como progressão. (MILLER, 2011, p. 159)

O exemplo dado por Miller (2011) sobre a relação de jamaicanos com a construção de suas casas me parece interessante para pensar o contexto das *homestays* em Usubemaço. Algumas das casas da AHA tinham suas estruturas sendo transformadas durante a minha estadia na aldeia. Presenciei, por exemplo, a construção de uma parede que ligava parte da cozinha à copa na *Estevão's Homestay*. A construção dessa parede era feita por Estevão e Lourdes, donos da casa, e um irmão dela nos momentos em que não havia nenhum hóspede e, além disso, quando

²² Disponível em <https://ataurotourism.org/wp-content/uploads/Estevao-Sign-2.jpg> Acesso em fev. 2021.

havia recursos financeiros para que os materiais fossem comprados em Díli. Estevão me disse que, quando terminasse a parede, desejava colocar azulejos na cozinha e pintar a fachada da casa.

Quando eu perguntava quais eram os desejáveis fins para o dinheiro recebido e acumulado com o funcionamento da *homestay*, uma das respostas de maior frequência entre os donos de *homestay* era o aumento de suas próprias casas e as de familiares próximos. Além disso, mencionavam a aquisição de bens materiais, geralmente de uso doméstico, e o investimento na educação dos filhos. O desejo de aumentar a casa construindo mais cômodos, ou até mesmo casas tradicionais como indiquei acima, para receber turistas, foi demonstrado por todos os membros da AHA que tive convívio. Além disso, alguns dos associados, manifestaram a vontade de construir quartos para os filhos.

Ana Carolina Oliveira (2019, p. 124), em sua monografia, narra que, no contexto do *suko* Makili, era incomum que houvesse, nas casas, camas para todos os moradores. O habitual era que as pessoas dormissem em esteiras no chão. Assim, Oliveira (2019) indica que o fato de haver camas em algumas casas demonstrava distinção social e financeira de seus donos. Em Beloi, o contexto era similar. Além disso, observei que, em Makili e Beloi, era incomum, de forma geral, que houvesse quartos individuais ou para casais, mas cômodos que comportassem mais de duas pessoas. Nas casas da AHA, no entanto, esse padrão parecia estar se modificando. Na *Estevão's Homestay*, além dos dois quartos privativos com camas para hóspedes conforme fora demandado pela *Blue Ventures*, havia mais um quarto, que acomodava Estevão, Lourdes e os dois filhos. No quarto, havia um colchão de casal no chão, que era partilhado entre as quatro pessoas. Estevão me disse, na época, que pretendia construir um quarto para os filhos. Na *Moises's Homestay* e *Eliazer's Homestay*, o arranjo espacial era similar à *Estevão's Homestay*. Já na *Alda's Homestay*, além dos dois quartos para visitantes, havia mais dois quartos. Um para os filhos e o outro para o casal. No cômodo em que o casal dormia, notei que havia uma cama.

Figura 18 - Quarto de hóspedes na *Moises's Homestay*



Fonte: Página da ATKOMA

Norbert Elias (1994) narra que a modernidade produziu casas e corpos “civilizados”. Tratarei melhor sobre os processos civilizatórios empreendidos na transformação de casas de família em *homestays* nos próximos capítulos. No entanto, gostaria de fazer algumas breves considerações, inspiradas em Elias (1994), sobre a produção dos quartos privativos e dos banheiros no espaço doméstico. De acordo com Elias (1994, p. 164), na modernidade,

[...] o quarto de dormir tornou-se uma das áreas mais ‘privadas’ e ‘íntimas’ da vida humana. Tal como a maior parte das demais funções corporais, o sono foi sendo transferido para o fundo da vida social (ELIAS, 1994, p. 164)

Nesse sentido, a existência de quartos privativos para turistas, conforme demandado pela *Blue Ventures*, e a presença ou o desejo de construir também cômodos privados para os moradores das casas, indica que houve uma transformação ainda em curso na organização do espaço doméstico das oito casas parte da AHA. Além disso, assim como aponta Oliveira (2019), sobre o fato de haver camas em algumas casas em Makili demonstrar distinção social e financeira de seus donos, sugiro que o arranjo espacial das casas associadas à AHA, com diversos cômodos e estes cada vez mais privativos, bem como os móveis que nelas havia, também marcavam diferenciação dessas casas em relação às demais casas da aldeia.

Além do quarto, o banheiro é, de acordo com Elias (1994), um espaço moldado, durante o processo civilizador, para o controle de determinados hábitos e funções corporais. Em Ataúro, os banheiros eram construções recentes, tendo ocorrido nos últimos dez anos. Padre Luis, missionário italiano que vivia no *suko* Makili, disse-me que a construção de banheiros nas casas do *suko* havia sido resultado de esforços empreendidos por ele e Padre Chico que, na época em que estive na ilha, não estava mais em Timor por razões de saúde. Não sei a data da construção dos banheiros na aldeia Usubemaço, mas, por analogia ao contexto de Makili e de acordo com

as minhas observações, imagino que também tenham sido obras relativamente recentes, possivelmente ocorridas nos últimos anos.

Os banheiros, que utilizei em Makili e Beloi, tinham um reservatório de concreto para comportar a água para o banho e limpeza (denominado mandi), e uma latrina. Em Usubemaço, poucas vezes utilizei um banheiro em casas que não eram parte da AHA, mas, ao observar o exterior dos banheiros das demais casas da aldeia, notei que, nas *homestays*, a dimensão dos banheiros era maior. Em todas essas últimas, diferentemente das demais casas da aldeia, os banheiros estavam sob uma estrutura de alvenaria. Além disso, nas casas parte da AHA, os banheiros, assim como as cozinhas, estavam geralmente descolados fisicamente da parte da casa que compreendia sala e quartos. A exceção era, na *Antônio's Homestay*, cuja estrutura do banheiro e parte da cozinha estavam ligados aos quartos e sala.

A maior parte das cozinhas das casas da AHA estava comportada em dois espaços. Em um local sob estrutura de alvenaria, onde estavam os utensílios domésticos como panela elétrica de arroz, talheres, pratos e vasilhas, e um outro ambiente sob estrutura tradicional, onde havia um balcão de madeira que sustentava a lenha a ser queimada no cozimento dos alimentos. Havia duas casas, a *Eliazer's Homestay* e *Moises's Homestay*, em que toda a cozinha estava sob uma estrutura tradicional com telhas. Mery, dona da *Eliazer's Homestay*, e Alda, dona da *Alda's Homestay*, disseram-me, certa vez, que suas cozinhas não eram boas como a de Lourdes, dona da *Estevão's Homestay*. Nessa última casa, a maior parte da cozinha ficava sob uma estrutura de concreto. Lourdes, por sua vez, disse-me que sua casa não era tão grande como a de Alda. Nesse sentido, os membros da AHA não apenas comparavam suas casas as demais casas da aldeia, mas entre as próprias casas parte da associação.

Figura 19 - Parte da cozinha na *Estevão's Homestay*



Fonte: Página da ATKOMA²³

²³ Disponível em < <https://ataurotourism.org/poi/estevaos-homestay/> > Acesso em fev. 2021.

Figura 20 - Cozinha na *Eliazer's Homestay*



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na primeira vez que estive em uma *homestay* parte da AHA, Olie, funcionário da *Blue Ventures*, fazia uma reunião entre os associados. Nessa ocasião, ao questioná-lo sobre os resultados da operação das *homestays* para as famílias, Olie logo me disse que os bens das famílias tinham aumentado consideravelmente. Olie se referia aos bens de uso doméstico como televisores, móveis e eletrodomésticos. Como indiquei acima, as casas parte da AHA também se distinguiam entre si e a quantidade desses bens era um marcador de distinção. Na *Antonio's Homestay*, por exemplo, havia um televisor do tipo *LCD* na casa. Na *Alda's Homestay*, também havia uma televisão, mas de um modelo mais antigo do que na *Antonio's Homestay*. Na *Estevão's Homestay*, *Eliazer's Homestay* e *Moises's Homestay* não tinha nenhum televisor, mas Estevão me disse que pretendia comprar um. Antônio e Afonso, esposo de Alda, tinham outras fontes de renda além da *homestay*. Antônio era o capitão do barco da *Blue Ventures* e Afonso, professor de uma escola em Beloi, e, assim, em suas casas pareciam haver mais bens.

Conforme explicitarei na introdução deste capítulo, o sentido de casa que abordo neste trabalho tem aproximação com a unidade de habitação e lar. Acima descrevi as formas das casas da Aldeia Usubemaço dando foco às casas que eram *homestays*. Descrevo, agora, os sentidos e usos dessas casas. A ausência de um hóspede não implicava a subtração da condição de *homestay* de uma casa. Da mesma maneira, a presença de um hóspede não suprimia o sentido de lar que a casa evocava. Isto não é dizer que, quando a casa passou a ser *homestay*, não tenha havido transformações espaciais e nas dinâmicas da casa, pois as mudanças eram aparentes: a forma mudou e o fluxo de pessoas não familiares na casa transformou as dinâmicas do trabalho doméstico, por exemplo. No entanto, apesar das mudanças, a casa continuou sendo o lar das famílias anfitriãs.

Nogueira e Nogueira da Silva (2018, p. 962), ao perguntarem a estudantes lestemorenses que viviam no exterior “O que é casa para você?”, receberam a resposta “a casa é um lar”. Segundo Boccagni e Kusenbach (2020, p. 3),

O lar é tanto uma emoção quanto um lugar imbuído de significado gerado por meio das rotinas da vida cotidiana que nele se realizam, o senso de proteção e intimidade que ele emana, e as memórias amplamente positivas do passado (e possivelmente das aspirações futuras) que ele pode suscitar (BOCCAGNI; KUSENBACH, 2020, p. 3, tradução nossa).

A casa com o sentido de lar é, nesse sentido, como apontam Nogueira e Nogueira, Silva (2018, p. 969), “um espaço de segurança, de afetos, de identidade, de interações sociais com a família.”

A casa, no contexto da aldeia Usubemaço, era utilizada para armazenamento de alimentos, para fazer refeições, para abrigar uma família e seus familiares, para eventos religiosos e festas, para dormir e, naquelas que eram parte da AHA, para receber turistas. Kopytoff (2008, p. 92) narra que, no povo Suku do Zaire,

[...] a vida útil atribuída a uma choupana gira em torno de 10 anos. A biografia típica de uma choupana começa com a moradia de um casal ou, no caso de uma família polígina, de uma esposa e os seus filhos. Conforme a choupana envelhece, ela passa sucessivamente a ser uma casa de hóspedes ou de uma viúva, um ponto de encontro de adolescentes, uma cozinha e, finalmente, um abrigo de cabritos ou galinhas –até a vitória final dos cupins e o colapso da estrutura. O estado físico da choupana em cada fase corresponde ao uso particular que se faz dela (KOPYTOFF, 2008, p. 92).

A vida social de uma choupana entre os Suku tem diversas possibilidades de biografia social (KOPYTOFF, 2008). A choupana inicia-se como a moradia de um casal, tem diferentes usos e termina com o colapso da estrutura. Considero que a casa, no contexto das *homestays* da AHA, também tem diversas possibilidades biográficas. No entanto, a biografia das casas que são *homestays* na aldeia Usubemaço é marcada por etapas que se sobrepõem. Assim, a *homestay* marca uma fase na vida social da casa, mas não anula o sentido e uso anterior que é expresso no lar de uma família. Nesse contexto, a casa não deixa de ser lar porque é *homestay*, pois os sentidos e usos se constituem mutuamente.

3.4 A comercialização da casa

As oito casas da AHA não eram *homestays* antes de 2017. Eram unidades domésticas onde famílias habitavam. Conforme descrevi no capítulo anterior, antes de serem também *homestays*, as casas eram apenas lares de famílias. As casas abrigavam a família, familiares e amigos, e eram construídas e decoradas de acordo com os desejos daqueles que moravam lá.

Ao transformarem-se em *homestays*, adquiriram novos sentidos, formas e usos. Essas mudanças ocorreram por meio de um processo de comercialização da casa.

A casa, de acordo com Oranratmanee (2012, p. 37), é o lugar geralmente utilizado para viver, comer e residir, mas às vezes é também usado para a geração de renda por meio de sua comercialização. Nesse sentido, o produto da comercialização da casa é a casa comercial, que se apresenta, no contexto aqui tratado, como *homestay* (LYNCH, 2009, p. 5). O termo “casa comercial”, segundo Lynch (2009, p. 5), compreende tipos de alojamento onde os visitantes ou convidados pagam para ficar em casas particulares, e a interação do hóspede ocorre com um anfitrião e/ou família que vive habitualmente nas instalações e com quem o espaço público é, em diferentes graus, partilhado. De acordo com o autor, o propósito da casa comercial é gerar renda às famílias/anfitriões por meio da locação de acomodações.

Kopytoff (2008, p. 92) narra que uma das possibilidades de biografia social que um automóvel oferece “pode se concentrar no lugar que ele ocupa na economia da família proprietária.” A casa antes de ser comercializada era o lugar de produção e reprodução social de pessoas e, portanto, ocupava um lugar importante na economia da família. Quando adquiriu a forma, uso e sentido de *homestay* passou também a ser uma das principais fontes de renda das oito famílias parte da AHA.

O rendimento da casa comercializada sob a forma de *homestay*, no contexto das casas da AHA, era resultado das transações entre hóspedes e anfitriões mediante a tecnologia de troca dinheiro, isto é, do pagamento monetário pelo quarto alugado na casa e pelas refeições. A finalidade principal e imediata dessa troca era a obtenção, por parte do dono da *homestay*, do valor de troca e de uso, expressos em dinheiro, pagos pelo hóspede aos anfitriões. Nesse sentido, a destinação dessa transação não era, como no sistema de troca de dádivas, “abrir as portas para uma outra modalidade de transação, tal como ocorre no caso dos presentes ofertados para iniciar negociações em torno de um casamento” (KOPYTOFF, 2008). No sistema de trocas mercantil, as transações são feitas por meio de um intermediário indireto, o dinheiro, e tem uma finalidade imediata, que descontinua outras possíveis trocas. Nesse contexto, penso que a *homestay* pode ser compreendida como a etapa mercantil na vida social da casa (KOPYTOFF, 2008).

A mercantilização, de acordo com Kopytoff (2008, p. 99) é um processo de transformação e não um estado “ser-ou-não-ser”. Dessa forma, estar em condição mercantil pode ser apenas uma fase na vida social de uma coisa e não seu modo fixo e permanente. Uma coisa pode, nesse sentido, fazer o movimento de entrada e saída do estado mercantil diversas vezes em sua biografia. Kopytoff (2008, p. 93) explica que

Da mesma forma, o fato de que um objeto tenha sido comprado ou trocado nada nos diz sobre o seu status subsequente ou sobre se ele vai continuar ou não a ser uma mercadoria. No entanto, a não ser que sejam formalmente desmercantilizadas, tais objetos continuam a ser mercadorias potenciais - continuam a ter um valor de troca, mesmo que tenham sido efetivamente subtraídos da sua esfera de troca e destituídos - por assim dizer - de sua condição mercantil (KOPYTOFF, 2008, p. 93).

Desse modo, ainda que as famílias optassem por suspender a operação das *homestays* e, assim, as casas voltassem a ter sentido, uso e forma exclusivos de lar, a qualquer momento a casa poderia ser novamente comercializada e se apresentar também como *homestay*. A comodificação da casa, nesse contexto, não elimina o sentido de lar de uma casa, ainda que possa mudá-lo ou adicionar mais um significado (COHEN, 1988, p. 371).

A comercialização da casa implicou em diferentes transformações em Usubemaço. Houve a mudança no espaço físico, nas funcionalidades e sentidos da casa, como apontei neste capítulo; nos padrões de higiene e alimentação, decorrentes dos treinamentos organizados pelas organizações internacionais com o discurso de tornar os donos das *homestays* aptos a receberem turistas, que tratarei no capítulo a seguir; na quantidade de trabalho doméstico e de cuidado sobretudo feito por mulheres e na relação entre os donos de *homestay* com o restante das pessoas da aldeia, temas que abordarei no último capítulo.

Capítulo 03: A *homestay*

4.1 Considerações iniciais sobre o terceiro capítulo

Como sugere o título, neste capítulo, trato da forma comercializada da casa no contexto da aldeia Usubemaço. Para que a casa adquirisse a identidade de *homestay*, como indiquei nas seções anteriores, foi necessário que sua forma fosse modificada. Esse acontecimento acabou por, também, sobrepor seus usos e sentidos. Esse processo, ainda inacabado, não apenas transformou a casa, mas também as maneiras pelas quais seus residentes se comportavam no espaço doméstico e para além deste. Além disso, mudanças relevantes na aquisição e acumulação de dinheiro foram possibilitadas pela comercialização da casa. Conforme indicado nas seções acima, tais transformações marcam uma face do processo de transposição da modernidade praticado por diferentes complexos de governança no país (SILVA, 2016).

Este capítulo tem como objetivo: a) Analisar as implicações dos treinamentos oferecidos aos anfitriões para que, de acordo com os padrões estabelecidos pela organização *Blue Ventures*, estivessem aptos a hospedar visitantes; b) Descrever as dinâmicas de funcionamento rotineiras de uma *homestay*; c) Refletir sobre as transformações, sobretudo de ordem monetária, propiciadas aos associados da AHA devido ao funcionamento das *homestays*.

4.2 Os treinamentos como práticas pedagógicas para construção de capacidades

Kelly Silva (2012, p. 155) narra que projetos e programas para a construção de capacidades foram e são percebidos, por agências governamentais e não-governamentais, como necessários para a construção e desenvolvimento do Estado Leste-timorense. Silva (2008, p. 160) aponta que agências de diferentes países coordenaram atividades como treinamentos, *workshops*, seminários, cursos de línguas, entre outras, com o intuito de desenvolver e/ou construir capacidades nos servidores públicos leste-timorenses para, dessa forma, formar o aparato institucional do Estado (SILVA, 2012, p. 158).

Há, de acordo com Silva (2012, p. 156), um discurso permanentemente afirmado pela comunidade internacional em ação em Timor-Leste que argumenta que os leste-timorenses não possuem capacidades. Essa suposição pode ser ilustrada em algo que Padre Luis, missionário italiano que vivia em Makili, certa vez me disse. Segundo ele, era necessário que pessoas do exterior fossem ao país para capacitarem os leste-timorenses, pois era preciso ensinar a eles tudo sobre a gerência de empreendimentos turísticos. Para o padre, as pessoas residentes na Ilha

de Ataúro deveriam ser capacitadas sobretudo em questões relacionadas à higiene, alimentação e hospitalidade para que, assim, estivessem aptas a operar empreendimentos turísticos.

Para que as *homestays* funcionassem, a *Blue Ventures* agiu em parceria com outras diversas organizações não governamentais, nacionais e internacionais, como a *Empreza Di'ak* e a *Marie Stopes International Reproductive Choices*, na coordenação de treinamentos de hospitalidade, higiene, cozinha, gestão e língua inglesa para os membros da AHA. Esses treinamentos tinham como objetivo construir capacidades nos associados para que, dessa forma, pudessem receber turistas. De acordo com um manual da *Blue Ventures* sobre *homestays*,

O modelo de *homestay* da *Blue Ventures* oferece treinamento desde o início, abrangendo preparação de alimentos, hospitalidade básica e padrões de higiene. [...] Oportunidades de treinamento adicional foram oferecidas durante todo o primeiro ano de operação para resolver qualquer lacuna de capacidade, *principalmente na preparação de alimentos*. No final de 2017, o *feedback* dos convidados que visitaram as casas de família Ataúro foi extremamente positivo. Após a primeira fase de desenvolvimento, a *Blue Ventures* continuou a facilitar as oportunidades de treinamento, ligando as famílias das *homestays* a organizações e empresas que dão apoio às comunidades timorenses. O treinamento focou nas habilidades de gestão empresarial, preparação de alimentos e língua inglesa. As mulheres da associação desenvolveram uma parceria com o *Now Food Studio*, um restaurante e empreendimento social em Dili, para pesquisar ingredientes tradicionais e desenvolver receitas inovadoras e nutritivas para suas famílias e hóspedes. (*Blue Ventures Homestay Toolkit*, 2020, p. 17, tradução nossa, grifos meus)

A higiene, bem como a gestão da *homestay* e o preparo de alimentos, foram os focos dos treinamentos que as famílias receberam para fazerem suas casas *homestays*. Inspirada nos argumentos de Silva (2016, p. 128), sugiro que os treinamentos são práticas pedagógicas em que estão implícitos projetos de subjetivação e domesticação da conduta. Nesse sentido, esses projetos estão alinhados aos processos civilizatórios em curso em Timor-Leste (SILVA, 2008, p. 161). Narro abaixo algumas situações que ilustram os modos pelos quais essas pedagogias foram recebidas pelos meus interlocutores.

Era comum que as pessoas residentes na aldeia ficassem debaixo das árvores socializando entre si. Fazia muito calor na ilha e, portanto, era desconfortável ficar sob a estrutura de alvenaria. Assim, encontrar familiares e amigos na parte exterior das casas, perto da cozinha, era comum. No entanto, notei que, dentro das casas que eram *homestays*, enquanto havia algum hóspede, raramente circulavam amigos, familiares e principalmente crianças na parte interior das residências. Tive a impressão de que os donos tentavam manter esses cômodos da casa reservados aos visitantes por dois motivos: o silêncio e a manutenção da limpeza.

Certa vez, um dos membros da AHA me disse que era preciso pedir às crianças que não brincassem perto dos quartos dos hóspedes, pois elas gritavam e isso poderia incomodar os turistas. Em um treinamento que observei em novembro de 2018, entre os membros da AHA e donos de *homestays* em Raja Ampat, houve uma dinâmica em que algumas das pessoas presentes encenaram uma curta peça com o tema “recepção de turistas”. Na encenação, um dos homens colocou o dedo indicador sobre os lábios pedindo para que o outro fizesse silêncio, pois, na história, havia um hóspede próximo a eles dormindo. Após o fim da encenação, os operadores de *homestays* concordaram sobre a importância de uma casa tranquila, sem barulhos, para a boa estadia de um hóspede. Além do mais, Antônio, da *Antônio's Homestay*, contou-me que estava construindo uma outra casa atrás daquela que estávamos, que era *homestay*, e que deixaria essa última apenas para os turistas. Perguntei o porquê e ele me disse que alguns visitantes se incomodavam com o barulho das crianças e das pessoas da família.

Uma das mulheres membro da AHA certa vez me disse que limparia o banheiro para que, com o espaço asseado, os hóspedes gostassem da estadia em sua casa. A higiene, nesse contexto, era percebida como um incentivo para a boa avaliação da *homestay* por parte do visitante. Ensinar padrões de higiene aos donos das *homestays* foi um dos principais temas dos treinamentos dados pela *Blue Ventures*. Além da limpeza da casa, a preparação de refeições, conforme grifei na citação no início desta seção, exigia que houvesse a higienização não apenas dos alimentos, mas também do espaço e dos utensílios utilizados na preparação das refeições.

Em relação à preparação das refeições: Ter um hóspede em casa implicava em ter que cozinhar conforme o que fora aprendido nos treinamentos. Cozinhar desse modo demandava tempo. Era preciso, primeiramente, ir ao mercado comprar legumes e verduras, e pescar ou comprar peixes. Depois, preparar os alimentos e, por fim, limpar os talheres, pratos e vasilhas usados. Certa vez, uma das associadas da AHA, disse-me que quando não havia hóspedes na casa, o preparo das refeições era mais simples, pois eles, por falta de dinheiro, não comiam tantos alimentos diversificados quanto os visitantes. De acordo com os membros da AHA, nos treinamentos, foi frisada a importância de preparar pratos com ingredientes variados para os turistas e, para tanto, era necessário ir ao mercado comprar legumes e verduras conforme a duração da estadia do hóspede. Quando estive nessa *homestay* por dois dias, a mulher foi ao mercado em ambos dias comprar alimentos.

Figura 21 - Refeição preparada por Mery na *Eliazer's Homestay*



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Todos os membros da AHA com quem tive contato me disseram diversas vezes que para uma *homestay* operar era necessário que a família fizesse treinamentos. A justificativa era de que muito esforço fora empreendido nas capacitações e, portanto, o esforço somado ao aprendizado tornava legítimo operar uma *homestay*. Essa justificativa parece se assemelhar com o processo de construção do Estado leste-timorense conforme narrado por Silva (2012). De acordo com Silva (2012, p. 155), “estão compreendidas nos projetos de construção de capacidades ações que permitam a disponibilização de recursos humanos competentes para a ação legítima e sustentada de certas práticas institucionais.”

Os treinamentos pareciam ser encarados como a condição necessária para que a *homestay* existisse e, além disso, a validação para que apenas aqueles que tinham participado das capacitações pudessem operá-la. Nesse sentido, sugiro que os treinamentos para que as *homestays* pudessem operar agiram como práticas pedagógicas de construção de capacidades que, com o funcionamento das acomodações turísticas, passaram a ser reivindicados como marcador de diferença, legitimador de ações e geraram certa expectativa de valorização (KOPYTOFF, 2008). Essa percepção dos membros da AHA e a existência da associação gerou desentendimentos na aldeia. Abordarei melhor essa questão na seção “A questão da inveja e a produção de desigualdade social”, no capítulo a seguir.

4.3 Dinâmicas das *homestays*

Escrevo esta seção para descrever as dinâmicas das *homestays* da AHA. Nesse sentido, pretendo narrar o funcionamento de uma *homestay* a partir das minhas observações e vivências na aldeia. A rotina de funcionamento, assim como a biografia da casa, não são estáticas e nem as famílias que operam as *homestays* são iguais (KOPYTOFF, 2008). Enquanto turista e pesquisadora observei diferentes rotinas de tratamento comigo, a depender de em qual *homestay*

eu me hospedava e, também, das dinâmicas próprias das famílias. Nunca pude observar como era a rotina da família sem que estivessem hospedando alguém, pois a minha presença na casa já presumia a acomodação de um hóspede ali. No entanto, por ter transitado durante quatro meses entre algumas das da AHA, ter observado treinamentos, ter estado boa parte desse tempo na *Estevão's Homestay* e ter visto a interação das famílias com outros hóspedes que não eu, julgo poder fazer um relato genérico das dinâmicas das *homestays*.

As *homestays* eram geridas por oito famílias, conforme expliquei na seção “Associação de *Homestays* de Ataúro (AHA)”, no primeiro capítulo. Para o funcionamento das *homestays* era necessário pescar ou comprar peixes, comprar alimentos no mercado e realizar tarefas domésticas como cozinhar e fazer a limpeza da casa. Com exceção da pescaria, que era realizada pelos homens, as outras atividades eram feitas por mulheres. Em algumas das *homestays*, como, por exemplo, na *Antonio's Homestay*, as filhas do casal Antônio e Albertina, Aliança e Ana, realizavam boa parte dessas atividades. Na *Eliazer's Homestay*, Mery também tinha ajuda de sua irmã mais nova, vinda de Makadade, que morava com ela e o marido para estudar na escola da aldeia. Na *Estevão Homestay's*, Lourdes, esposa de Estevão, tinha a ajuda de Mira, irmã mais nova, de Lourdes que a auxiliava na preparação das refeições e nas tarefas domésticas. Lourdes certa vez mencionou que gostaria de ter uma filha para que, assim, a menina pudesse ajudá-la nessas atividades.

As mulheres são agentes imprescindíveis para o funcionamento das *homestays* visto que elas produzem a maior parte dos serviços que possibilitam que a acomodação turística funcione. Alguns dos homens da família como Afonso, esposo de Alda, que trabalhava em uma escola de Beloi, e Antônio, esposo de Albertina e pai de Aliança e Ana, que trabalhava no barco da *Blue Ventures*, tinham ocupações que os mantinham fora de casa durante quase todo dia. Outros homens tinham uma rotina para a pescaria, quando as condições meteorológicas estavam boas, ou outros trabalhos. Dessa forma, narro abaixo, de forma geral, as rotinas das *homestays*, focando nas mulheres uma vez que elas realizavam quase a totalidade do serviço necessário para a *homestay* e a casa funcionarem.

Quando havia um visitante na casa, as mulheres acordavam por volta das 6h da manhã e iam para a cozinha preparar o café da manhã para o hóspede. Omelete, pão, café, chá e roscas. Quando finalizavam o preparo da refeição, levavam a refeição para a mesa da sala ou copa. As crianças acordavam por volta das 7h e, então, as mulheres lhes davam chá e pão, às vezes roscas, e as preparavam para a escola. Quando o hóspede terminava a refeição, as mulheres retiravam os pratos, talheres e xícaras usados, e os levavam para a cozinha. Durante a manhã, as mulheres limpavam a casa, algumas cuidavam da horta e dos animais (porcos, gado e cabras), e

preparavam o almoço, que era servido por volta de meio-dia. Depois que o turista terminava de comer, as mulheres retiravam os pratos e talheres, e faziam a limpeza na cozinha. Após comerem, descansavam, geralmente sob alguma sombra de árvore. Durante a tarde, as mulheres realizavam alguma outra tarefa doméstica como lavar roupas, cuidavam dos filhos e preparavam o jantar, que era servido por volta das 18h30.

O jantar era um momento relevante na dinâmica cotidiana das *homestays*, pois era nessa refeição que o contato entre o hóspede e a família acontecia com mais intensidade. Esperava-se que, nessa refeição, todos pudessem conversar e, assim, conforme disposto na propaganda da AHA, houvesse a troca cultural. Dessa forma, pressupunha-se que o casal anfitrião se sentasse à mesa e se mostrasse disposto a interagir com o hóspede. Notei que, algumas vezes, parte dos casais não se sentia confortável em estar ali, comendo e conversando, com o visitante. No entanto, pareciam se esforçar para estarem presentes à mesa, pois a hospedagem em suas *homestays* supunha o contato entre o hóspede e os anfitriões.

Em 2018, o fluxo de turistas voluntários vinculados às expedições da *Blue Ventures* foi interrompido. Esse é um tema que tratarei mais detalhadamente no próximo capítulo. Indico esse fato aqui para informar que, visto que o meu trabalho de campo aconteceu no segundo semestre de 2018, não pude observar as rotinas e interações desses hóspedes com as famílias. No entanto, de acordo com o que me foi relatado, os voluntários tinham certas obrigações durante o dia com a organização e, à noite, voltavam às *homestays* para jantar com os anfitriões. Esperava-se que, nesse momento, a família pudesse mostrar um pouco da cultura local para eles.

Observei algumas interações entre hóspedes e anfitriões durante o tempo em que estive na ilha. Além disso, fui hóspede e, portanto, interagi com as famílias que me hospedaram e vi interações entre outros hóspedes e seus anfitriões. Notei que alguns membros da família ficavam acuados com a presença dos turistas e, por isso, esforçavam-se para ter a menor interação possível durante a estadia do visitante na casa. Outros pareciam animados com os turistas ali. Certa vez perguntei a uma das mulheres membro da AHA se ela sentia falta do fluxo de turistas mais intenso em sua casa, quando os voluntários da *Blue Ventures* eram frequentes, e ela me disse que sim. Fiz uma pergunta similar a outros associados, se eles gostavam de receber turistas em suas casas, e eles responderam afirmativamente. Penso que eles não responderiam o contrário sendo que eu, que fiz a pergunta, era uma turista ali. Ainda assim, ao longo do tempo em que estive lá, percebi que a interação que tinham com os turistas, ainda que mínima, era vista como novidade e entusiasmo.

4.4 “A *homestay* ajuda dentro de casa”

Durante o campo, perguntei algumas vezes às famílias membros da AHA se elas percebiam alguma mudança depois que a *homestay* começou a fazer parte da rotina familiar. Quando perguntei isso a um casal membro da AHA, eles prontamente responderam em tétum: “*mudansa boot*”, que significa, em português, grande mudança. Na família desse casal, a renda provinha do mercado turístico, que ocorria aos sábados, e do funcionamento da *homestay*. Eles me disseram que antes de existir a *homestay*, o homem precisava andar pela ilha vendendo os peixes que tinha pescado, mas, com o dinheiro da *homestay*, não era necessário mais fazer tal coisa.

Um outro membro da AHA me contou que, antes de ter uma *homestay*, ele obtinha dinheiro com a pesca, que estava sujeita a condições meteorológicas adequadas. Assim, caso houvesse tais condições, ele voltava à casa com o dinheiro da venda dos pescados. Caso contrário, não. Nesse contexto, com a *homestay* sendo uma fonte de renda a mais, ele me contou que a vida havia melhorado, pois ter dinheiro não era mais tão difícil. Segundo ele, sem dinheiro não era possível fazer coisa alguma. Com dinheiro, era possível manter as crianças na escola e comprar comida para fazer quatro refeições diárias. Ele me disse que, antes de fazer parte da AHA, eles comiam apenas uma ou duas vezes por dia, pois não tinham dinheiro para comprar alimentos.

Na família de um outro casal parte da associação, a renda provinha da venda de peixes e *katupa* no mercado, da operação da *homestay* e do dinheiro pago por turistas pelos passeios de barco ao redor da ilha. Quando perguntei a eles se a *homestay* tinha mudado algo na vida familiar, ele me disse que a renda da família havia aumentado quatro vezes (antes, com o mercado turístico e os passeios, conseguiam em torno de 150 dólares por mês, com a *homestay*, passaram a ter em torno de 600 dólares mensais). Conforme narra Silva e Oliveira (2020, p. 108), sobre a produção de artefatos para o mercado turístico em Ataúro, “considerando que as estatísticas do Banco Mundial em 2014 constataram que 30,3% dos timorenses viviam com menos de US\$1,90 per capita, e que a circulação de dinheiro em Ataúro é muito restrita”, o aumento de quatro vezes da renda total e o montante de 600 dólares representava um valor considerável nas economias locais.

Essas transformações foram descritas como positivas por todos os associados com quem conversei. A resposta mais comum, quando eu perguntava se a *homestay* havia mudado algo em suas vidas, era essa que, certa vez, um dos membros da AHA deu. Ele me disse que já não era mais como antigamente, pois a *homestay* havia mudado a vida deles. Ele me disse que a

homestay ajudava dentro de casa e, além disso, possibilitava que dinheiro fosse poupado para futuramente ser investido na educação das crianças.

A frase “a *homestay* ajuda dentro de casa” me parece interessante para identificar que os termos *casa* e *homestay* são mobilizados de acordo com os seus usos específicos. Assim, no contexto descrito por ele, *casa* evoca o sentido de lar enquanto *homestay* é compreendida como aquilo que possibilita acesso ao dinheiro. Nesse sentido, a percepção das famílias parte da AHA sobre a *homestay* parece ir ao encontro da propaganda da *Blue Ventures*. Na página virtual da organização, a organização sugere que

[...] a *homestay* é um negócio familiar que pode ser um caminho efetivo para a independência financeira, liberando fundos para a educação e ajudando as famílias a construir a confiança e a capacidade de salvaguardar seu futuro. (BLUE VENTURES²⁴, tradução nossa)

Ainda no sítio eletrônico, há uma declaração de Estevão que considero interessante para pensar os benefícios da *homestay* para os membros da AHA e para a aldeia. Replico aqui:

Ser um anfitrião de *homestay* é um bom trabalho. Requer menos do que ser um pescador e tem oportunidades de crescimento no futuro. As *homestays* também beneficiam toda a comunidade, assim como outras vilas, não apenas as famílias anfitriãs. Por exemplo, usamos parte de nossa renda para comprar frutas e verduras para os hóspedes comerem. Isto traz renda para outros membros da comunidade e para outras comunidades. (BLUE VENTURES, tradução nossa)

Estevão narra que ser anfitrião de *homestay* é um bom trabalho. De acordo com as minhas observações, essa é a percepção de todos os membros da AHA. A *homestay* indiscutivelmente trouxe benefícios econômicos a eles. Além disso, como Estevão declarou, a hospedagem de um turista tende a estimular as economias locais. No entanto, a afirmação que as *homestays* trazem benefícios a toda a comunidade é questionável. Na aldeia, há quem declare que as *homestays* incentivam certa desigualdade entre os residentes. Ademais, existem outros dilemas propiciados pela existência da *homestay* que serão ponderados no capítulo a seguir.

²⁴ Ver em: <https://discover.blueventures.org/homestays/>

Capítulo 04: Os dilemas

5.1 Considerações iniciais sobre o quarto capítulo

Embora no capítulo anterior eu tenha destacado que os associados da AHA percebiam as mudanças decorrentes do funcionamento da *homestay* como benéficas, presenciei, durante a minha estadia em Usubemaço, algumas questões que, neste capítulo, denomino como dilemas. A ocorrência da *homestay* repercutiu não apenas na vida dos membros da AHA, mas também na de outras pessoas residentes na aldeia. Nesse sentido, abordo, na primeira seção deste capítulo, um conflito, entre os integrantes da AHA e algumas pessoas que habitavam Usubemaço. Esse conflito se deu em razão da reivindicação dessas pessoas por um tratamento igualitário, por parte da organização *Blue Ventures*, àquele então exclusivamente recebido pelos membros da associação.

A segunda seção trata de um outro dilema decorrente da operação das *homestays* na aldeia. Visto que a *homestay* é a forma comercializada da casa e que, em Usubemaço, o trabalho investido nas atividades domésticas é compreendido como função das mulheres, o emprego conferido na dinâmica de funcionamento da *homestay* é predominantemente feminino. Dessa forma, nessa seção, argumento que trabalho doméstico feminino acabou por aumentar devido à existência da *homestay*.

5.2 A questão da inveja e a produção de desigualdade social

No primeiro dia de 2019, um dia antes das grandes festas de Ano Novo em Beloi, eu estava caminhando com uma das sobrinhas de um dos membros da AHA quando vimos algumas pessoas reunidas em círculo, sentadas em cadeiras de plástico, na parte exterior de uma casa. Sem que eu perguntasse, ela comentou que aquilo era uma tentativa de resolver o conflito da *homestay*. Ela usou a palavra em tétum *konflitu*. O mediador da reunião era um dos pastores na Assembleia de Deus da aldeia. Segundo os membros da AHA, aquele pastor apoiava a associação. Perguntei a ela qual era a razão do conflito, ela me disse que não entendia, mas que achava que era por motivo de inveja, pois as *homestays* eram casas boas. Depois, apontou para uma das casas que eram parte da AHA, pois passávamos por uma.

Um dos membros da AHA me contou que, em 2017, as famílias conseguiram muito dinheiro com a vinda dos voluntários das expedições da *Blue Ventures*. Ela me disse que nas

duas primeiras semanas, eles ficavam no *Barry's Place*, um *ecolodge* na aldeia, aprendendo um pouco de tétum e, depois, iam para as *homestays*. Devido a grande quantidade de dinheiro que recebiam, segundo ela, algumas pessoas que não tinham *homestays* sentiram inveja. Ela disse que essas pessoas argumentaram que se elas também não podiam receber os voluntários das expedições da *Blue Ventures* em suas casas, então, nenhuma casa poderia. Assim, no período em que estive em Ataúro, entre setembro de 2018 a fevereiro de 2019, as *homestays* estavam ainda impedidas de receber os voluntários das expedições da organização. Narro abaixo o porquê do impedimento.

A interrupção da hospedagem dos voluntários nas casas *homestays* da AHA foi resultado da discordância entre alguns moradores da aldeia, que reivindicavam o acesso igual às oportunidades proporcionadas pela *Blue Ventures*, e os membros da AHA, que detinham a exclusividade de hospedagem dos turistas vinculados à organização. Esses moradores foram até o chefe de *suko*, uma das principais autoridades da aldeia, para pedir que as atividades da AHA fossem interrompidas. Após ocorrências de violência física por parte dos insatisfeitos com a AHA contra membros dessa associação, em uma tentativa de amenizar as hostilidades, a *Blue Ventures* pediu às famílias que interrompessem a hospedagem dos voluntários. A organização continuou contribuindo ativamente com a associação, mas seus voluntários passaram a se hospedar apenas no *Barry's Place*, exclusivamente. Assim, a AHA, durante o período que estive em campo, recebia somente turistas independentes

Certo dia, uma das mulheres membro da AHA comentou que alguns dos homens membros da associação iriam à igreja encontrar alguns dos homens que estavam insatisfeitos com a existência da associação e impediam que as *homestays* recebessem os voluntários. Perguntei se a igreja poderia ajudar a resolver a situação e ela disse que era por isso que tinham marcado um encontro lá. De acordo com ela, os pastores iriam proferir a palavra de Deus e dar exemplos de moral para aqueles que estavam causando o conflito e talvez, assim, o problema fosse solucionado. Minutos depois perguntei ao esposo dela, também membro da AHA, sobre a possibilidade de resolver a questão e, ele, descrente, disse que não achava que aquilo iria se resolver com o encontro na igreja. Em um outro dia, perguntei a ela como havia sido o encontro. Ela disse que os membros da AHA tinham ido, mas as outras partes envolvidas não compareceram. Perguntei algumas vezes para ao casal se esse era um caso de inveja e eles responderam enfaticamente que era.

Diversas vezes ouvi os membros da associação lamentando o conflito que impedia que eles recebessem os turistas voluntários vinculados às expedições da *Blue Ventures*. Quando eu os questionava os motivos do conflito, a resposta comum era de que alguns moradores da aldeia

tinham inveja de quem tinha uma *homestay*. No entanto, qualquer pessoa na aldeia podia receber turistas em sua casa e transformá-la em uma acomodação turística e, nesse sentido, não era simplesmente ter uma *homestay* que causava inveja naqueles que discordavam da política da associação. A questão central da acusação de quem se punha contra a AHA era a exclusividade do contrato de apenas oito famílias com a *Blue Ventures*. O domínio, por oito famílias, da hospedagem dos voluntários permitiu aos membros da AHA transformarem suas casas, acumularem dinheiro, comprarem comida, adquirirem bens materiais e investirem na educação dos filhos. Assim, aqueles que eram contra a AHA, reivindicavam para si as mesmas oportunidades.

Certa vez, uma das mulheres membro da AHA me disse que não compreendia o porquê do conflito uma vez que o dinheiro recebido das *homestays* eram para as pessoas da comunidade e não para estrangeiros. Com o impedimento, os turistas acabavam por ficar no *Barry's Place* e, assim, davam dinheiro ao Barry, um australiano que, de acordo com ela, já era rico. Para ela, isso era uma contradição. Para mim, penso que a inveja sentida por aqueles que reivindicavam as mesmas oportunidades dos membros da AHA estava relacionada à não distribuição e troca de riqueza entre comuns, isto é, os residentes da aldeia que não eram estrangeiros (EVES, 2000, p. 459). Nesse contexto, parece-me que a inveja operava como uma forma de criticar o acesso desigual a oportunidades e, portanto, a produção de desigualdade socioeconômica na comunidade.

Richard Eves (2000, p. 466) narra que, no contexto da colonização, introdução do dinheiro e da economia de mercado na Papua Nova Guiné, a sociedade Lelet, localizada na Nova Irlanda, teve sucesso na comercialização de verduras e, no processo, tornaram-se mais prósperos do que os povos costeiros, que eram dependentes da produção de *commodities*. Os Lelet, então, de acordo com Eves, passaram a se considerar mais ricos e poderosos do que as pessoas que viviam na costa. Esse contexto promoveu um aumento dos casos de feitiçaria contra os Lelet. As motivações dos praticantes dos feitiços, pessoas da costa, eram, segundo Eves, a inveja.

As mudanças trazidas pelo desenvolvimento da economia de mercado, de acordo com Eves (2000, p. 455, tradução nossa), introduziram novas formas de riqueza na sociedade Lelet e nos povos costeiros e, assim, “novos contextos de exibição tornaram-se disponíveis, causando uma perda de controle dos processos pelos quais a inveja é regulada.” Eves (2000, p. 459, tradução nossa) explica que, antes da experiência da imersão do dinheiro e economia de mercado na sociedade Lelet, “a riqueza não era habitualmente exibida, mas revelada

estrategicamente apenas nos contextos mais adequados, principalmente as trocas regulamentadas de festas mortuárias.”

O argumento de Eves (2000) sobre os processos pelos quais a inveja é regulada entre a sociedade Lelet e os povos costeiros me parece interessante para pensar a questão do conflito que se deu entre os descontentes com a AHA e os membros da associação. A riqueza, no contexto observado por mim, passou a ser exibida declaradamente com os benefícios que a *homestay* proporcionava àqueles que a tinham: uma casa de alvenaria grande, acúmulo de dinheiro, aquisição de bens materiais e investimento na educação dos filhos. A minha sugestão não é que antes das *homestays* não houvesse inveja e desigualdade na aldeia, mas que, com a ocorrência *homestays*, essa passou a ser um importante motivo de inveja e um marcador de diferença entre os moradores de Usubemaço.

O conflito que ocorria na aldeia Usubemaço em razão da inveja e não distribuição dos benefícios das *homestays* não é um caso isolado. Veronica Long (2005) narra que o rápido desenvolvimento das *homestays* na cidade de Ubud, em Bali, na década de 1990, criou tensão e rivalidade entre as famílias da região em decorrência da concorrência acirrada entre as famílias. Yang et al. (2013), ao realizarem um estudo sobre as consequências do turismo entre os grupos étnicos Tuva e Kazakh na Região Autônoma de Xinjiang Uyghur na China, também descreveram conflitos que se sucederam ou foram reforçados em razão do desenvolvimento do turismo.

Quando eu cheguei a Ataúro, o conflito já se desenrolava há alguns meses. A *Blue Ventures* e a AHA tentavam legalizar a associação junto ao Ministério da Justiça para que, por vias legais, as *homestays* pudessem funcionar plenamente. Além disso, faziam tentativas de resolução da situação com as autoridades locais que eram: os pastores da Assembleia de Deus da aldeia, o chefe da aldeia, o chefe do *suko* e o chefe de administração da ilha. No entanto, até a minha partida, não houve solução e as *homestays* recebiam apenas turistas independentes.

Durante o período em que estive em Usubemaço, circulando nos principais ambientes de socialização da aldeia, isto é, nas casas parte da AHA, na Assembleia de Deus, no mercado turístico e em cerimônias, notei que existia uma tensão constante entre o grupo que estava descontente com a AHA e os membros da associação. Essa animosidade pareceu transcender os indivíduos envolvidos diretamente na questão e se espalhar por várias partes da ilha, fazendo com que algumas pessoas se posicionassem a respeito.

Certa vez, conversando sobre a situação com um artesão do *suko* Makili, ele me disse que não achava justo apenas as oito famílias receberem os voluntários das expedições da *Blue Ventures*. Em um outro momento, no *ferry* indo a Ataúro, conversando com um homem

morador de Vila Maumeta, ouvi que os membros da AHA não poderiam usufruir dos benefícios sem que a comunidade inteira participasse. Em contrapartida, vários dos membros da AHA me disseram que aqueles que não concordavam com o funcionamento da associação e o contrato com a *Blue Ventures* não podiam operar *homestays* mesmo que desejassem, pois não tinham treinamentos para isso. Já eles, tinham e, portanto, era legítimo que as tivessem visto que se esforçaram para isso. Aos outros, segundo eles, cabia encontrar outras atividades turísticas para realizar e, assim, ter acesso ao dinheiro.

O argumento dos membros da AHA me parece ter consonância com o discurso da meritocracia, que entende que aquele que se esforça mais prospera em detrimento do suposto não esforço do outro. Nesse sentido, a reivindicação daqueles que se posicionaram contra a exclusividade do contrato da *Blue Ventures* com a AHA seria ilegítima visto que, para os membros da AHA, eles não se esforçaram para merecer as *homestays* e, portanto, os benefícios que provêm da acomodação. Não fui capaz de perceber se esse discurso é reforçado nos cultos assembleianos que ocorrem na aldeia, mas a minha impressão, de acordo com os meus interlocutores que diversas vezes reafirmaram o importante valor moral do trabalho e do trabalhador, é que o trabalho seja um valor relevante na doutrina da igreja que atua na aldeia. Assim, a percepção de que o todo o esforço empreendido pelos membros da AHA e os benefícios econômicos decorrentes da atividade são merecidos é reforçada.

5.3 *Feto servisu barak*

Durante o tempo em que estive em Atáuro, observei que um dos homens membro da AHA varria o quintal, levava os pratos até a cozinha e, também, os trazia até a mesa. Algumas vezes, o vi limpando a casa e brincando com as crianças. Ele me disse que quando um casal se casava, a expectativa era de que a mulher fizesse todos os serviços de limpeza da casa, cozinhasse e cuidasse das crianças. No entanto, disse-me que, nos tempos atuais, essa dinâmica era diferente e que apenas haviam três coisas que ele não poderia fazer enquanto homem: dar à luz, amamentar e menstruar. Assim, ele poderia, também, limpar a casa, cuidar das crianças e cozinha e, logo, o trabalho seria mais igualitário.

O discurso desse homem, sobre o trabalho doméstico e do cuidado mais igualitário, parece-me ser produto de uma constante agência de organizações internacionais em Timor-Leste. Diversas organizações atuam no local com programas de planejamento familiar e igualdade de gênero, que incentivam o controle de natalidade e a distribuição igualitária do trabalho doméstico e do cuidado. Eu acompanhei, em novembro de 2018, a filmagem de um

vídeo promocional sobre planejamento familiar da organização internacional *Marie Stopes International Reproductive Choices*²⁵, que atua em Timor-Leste oferecendo serviços de planejamento familiar aos leste-timorenses. Lourdes e Estevão, um dos casais parte da associação, protagonizaram o vídeo. O casal aparece, na filmagem, dividindo todos os serviços referentes ao cuidado com a casa e com a família.

A realidade que eu observei, no entanto, era diferente. As mulheres da AHA investiam muito mais tempo nos serviços domésticos e de cuidado do que os homens. Cozinhar, por exemplo, era uma função entendida como obrigação das mulheres. Cozinhar demandava muito tempo e, também, muito trabalho, sobretudo quando havia um hóspede na casa. Em um dia que estava com algumas mulheres na cozinha, contribuindo também para a preparação da comida, comentei: “*feto servisu barak*”, em tétum, que significa, em português, “as mulheres trabalham muito”. Imediatamente as mulheres presentes concordaram e eu complementei dizendo que, no Brasil, as mulheres, também, trabalhavam muito. Após isso, Lourdes, na minha presença, comentou com outras mulheres que as mulheres trabalhavam muito também no Brasil. Uma das mulheres, que estava presente quando ela disse isso, respondeu: “*feto servisu barak, mane ladun servisu*”, em tétum, que pode ser traduzido como “as mulheres trabalham muito, os homens não tanto.”

Figura 22 - Aliança e Omi cozinhando na Antonio's Homestay



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Durante um exercício proposto por Maria, facilitadora do treinamento organizado pela *Blue Ventures* que eu observei em novembro de 2018, as mulheres de Raja Ampat, um

²⁵ Ver em: <https://www.facebook.com/Mariestopestl/posts/1919122308195851>

arquipélago na Papua Ocidental pertencente à Indonésia, as mulheres de Ataúro, os homens de Raja Ampat e os homens de Ataúro escreveram em cartazes suas rotinas diárias. Depois, apresentaram para todos. Após a apresentação dos cartazes, Maria pediu que eles contassem as horas de trabalho de cada grupo. A conclusão foi: os homens dormem mais do que as mulheres, tanto em Raja Ampat quanto em Ataúro, e, portanto, as mulheres estão envolvidas em serviços domésticos e de cuidado mais tempo do que os homens. Além disso, nas duas localidades, o trabalho das mulheres era muito mais diversificado do que o dos homens. Maria perguntou se era justo que as mulheres trabalhassem mais e todos concordaram que não. Contudo, houve protestos de alguns homens. Um membro da AHA concordou que os homens dormem, sim, mais do que as mulheres e, logo, o tempo de serviço é menor do que o delas. No entanto, pontuou que os homens já estão fazendo o que devem fazer e justificou dizendo que eles não estão se divertindo. Ele disse ainda que as mulheres devem entender que o homem dorme mais porque o trabalho dele é mais pesado.

Figura 23 - Lourdes ralando coco para a preparação de uma refeição para um hóspede



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Long e Kindon (2005) realizou um estudo em Bali em 1991 sobre as *homestays* que operavam na cidade Ubud. Long narra que todas as *homestays* da região, exceto uma, pertenciam às famílias residentes e eram gerenciadas pelos membros masculinos e femininos da unidade doméstica. A maior parte do trabalho diário era realizada pela chefe feminina da casa, e isso incluía tarefas como preparar o café da manhã, limpar os quartos, fornecer chá quente o dia todo, lavar a roupa e comprar comida. Como a maioria dos chefes de família do sexo masculino trabalhava fora de casa, a maior parte dos deveres de gerenciamento era deixada para a chefe de família do sexo feminino.

Long e Kindon (2000) narram, que embora o desenvolvimento do turismo, no contexto que elas analisaram, tenha oferecido novas possibilidades de emprego para mulheres e homens, o próprio desenvolvimento acabou por reforçar os sistemas existentes de percepções, papéis e relações de gênero. Nesse sentido, as mulheres continuaram responsáveis por atividades reprodutivas, independentemente de outros trabalhos que tivessem, e os homens continuaram ter maior acesso a posições de autoridade e tomada de decisão. Dessa forma, as autoras argumentam que o desenvolvimento do turismo, no contexto das *homestays* em Ubud, reforçou as hierarquias que se supõe existir entre mulheres e homens e, além disso, fez com que o trabalho doméstico realizado pelas mulheres fosse intensificado.

Figura 24 - Lourdes assando peixes para a venda no mercado



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Assim como Long e Kindon (2000) narram acerca do contexto observado em Ubud, sugiro que o trabalho doméstico realizado pelas mulheres da AHA foi intensificado com a ocorrência da *homestay*. Apesar de um discurso de igualdade de gênero promovido por organizações internacionais que têm agência na ilha, os papéis de gênero são marcados pelos costumes locais e pela Assembleia de Deus, que é uma importante autoridade na aldeia. Dessa forma, se o trabalho doméstico é fundamental para o funcionamento de uma casa e, se a casa é comercializada e se transforma em uma *homestay*, esse trabalho é duplicado e os papéis de gênero reforçados.

Considerações Finais

Como o (a) leitor (a) deve ter percebido, esta etnografia tratou do processo de transformação de casas de família em acomodações turísticas na aldeia Usubemaço na Ilha de Ataúro. Esse processo foi uma das faces de um processo maior em curso em Timor-Leste. O processo de transposição a modernidade, que ocorre na construção do Estado-nação lestemorense, busca o desenvolvimento de uma sociedade de mercado (SILVA, 2020). O turismo, nesse contexto, é percebido como um setor importante para que as populações rurais tenham melhor acesso à tecnologia de troca dinheiro.

Silva (2016) aponta que os complexos de governança atuantes em Timor-Leste, dos quais organizações não governamentais como a *Blue Ventures* são parte, empenham-se, por meio de pedagogias econômicas, instruir às populações rurais em como atender o mercado turístico e manejar seus recursos financeiros. De acordo com a autora, nesse esforço, estão implícitos projetos de subjetivação e domesticação de conduta. Silva (2016, p. 128) entende que esses projetos propõem que “somente pessoas têm agência no mundo e que elas devem se constituir exclusivamente pela relação que estabelecem com instituições e ideologias modernas de produção de diferença.”

O argumento de Silva (2016) está em harmonia com as ideias apresentadas por Elias (1994) e Dumont (1993). Dumont (1994) pontua que, na modernidade, a agência individual é concebida como principal em detrimento da agência de outros atores. Essa é uma concepção moderna fruto de um processo civilizador, termo cunhado por Elias (1994), que logrou moldar o comportamento e as emoções dos indivíduos. Dumont (1993) argumenta que, com o advento do fenômeno da modernidade na Europa ocidental e, posteriormente, sua transposição a diversos lugares, a ideologia individualista se fez necessária para a consolidação e manutenção das estruturas modernas como, por exemplo, o Estado-nação.

Conforme já explicitado nas demais seções deste trabalho, o processo de transposição da modernidade se deu, no contexto observado por mim em Timor-Leste, de diferentes maneiras. As formas, usos e sentidos que a casa adquiriu quando uma identidade nova foi adicionada à sua biografia social (KOPYTOFF, 2008) foram em parte respostas às ansiedades dos complexos de governança atuantes no país para o desenvolvimento da nação lestemorense. Uma vez que atores políticos relevantes em Timor-Leste, como o Estado e as organizações não governamentais nacionais e internacionais, apreendem o turismo como meio para que as populações rurais tenham acesso ao dinheiro, há o incentivo para comercializar para o mercado turístico bens, artefatos, serviços e, no contexto aqui tratado, casas.

Silva (2016) indica que, em Timor-Leste, diversas dinâmicas coexistem, disputando e, concomitantemente, cooperando entre si. Nesse sentido, apesar de analisar que o projeto de transposição da modernidade tem imposto práticas pedagógicas de, por exemplo, manejo de recursos, preparação de alimentos, cuidado e organização do espaço doméstico, entendo que a agência das pessoas e das coisas não é inteiramente suprimida ante à modernização (SILVA, 2016).

Sugiro, por meio dos dados dispostos nesta monografia, que as famílias se apropriaram das mudanças, rearranjaram costumes locais com padrões modernos e, além disso, desejaram os efeitos da transformação de suas casas em *homestays* (LI, 2014) (GRABURN, 2019). Ainda que as consequências desse fato tenham, também, gerado o aumento do trabalho doméstico feminino e um conflito devido à distinção social dos associados da AHA em relação à comunidade, considero que os meus interlocutores percebiam a operação da *homestay* como uma oportunidade próspera, que os permitia não meramente acessar dinheiro, mas acumulá-lo e investi-lo na educação dos seus filhos e parentes, na alimentação, na melhoria e construção das casas e, além disso, nos costumes locais.

Referências Bibliográficas

ACHARYA, Baikuntha Prasad; HALPENNY, Elizabeth A. Homestays as an alternative tourism product for sustainable community development: A case study of women-managed tourism product in rural Nepal. **Tourism Planning & Development**, v. 10, n. 4, p. 367-387, 2013.

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. **A vida social das coisas: as mercadorias como bem cultural**. Niterói: EDUFF, p. 15-88, 2008.

BECKER, Howard S. **Truques da escrita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BICCA, Alessandro. **A diferença entre os iguais**. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

BLUE VENTURES. **Homestay Toolkit**. 2020. Disponível em: <<https://blueventures.org/conservation/toolkits/#homestay>> Acesso em fev. 2021.

BOCCAGNI, Paolo; KUSENBACH, Margarethe. For a comparative sociology of home: Relationships, cultures, structures. **Current Sociology**, v. 68, n. 5, p. 595-606, 2020.

CLIFFORD, James. **Routes: Travel and translation in the late twentieth century**. Harvard University Press, 1997.

CORREIA, Januário de. **Construção de Casas Sagradas (Uma Lulik) na sociedade Timorense: uma perspectiva sobre o desenvolvimento e o turismo comunitário no distrito de Baucau**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade do Minho.

COUSINS, Jenny A. The role of UK-based conservation tourism operators. **Tourism Management**, v. 28, n. 4, p. 1020-1030, 2007.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações**. São Paulo: Edusp, 1992.

_____. **Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

EVES, Richard. Sorcery's the curse: modernity, envy and the flow of sociality in a Melanesian society. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 6, n. 3, p. 453-468, 2000.

FERREIRA, Andreza Carvalho. **Transformações do tais e transformações pelo tais: entre tecidos tradicionais, mulheres leste-timorenses e conversas com Ofélia**. 2015. Monografia de Graduação. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília.

GRABURN, Nelson. Introdução. In.: BARRETTO, Margarita et al. **Turismo e antropologia: novas abordagens**. Papirus Editora, 2019.

KONTOGEOURGOPOULOS, Nick; CHURYEN, Anuwat; DUANGSAENG, Varaphorn. **Homestay tourism and the commercialization of the rural home in Thailand**. Asia Pacific Journal of Tourism Research, v. 20, n. 1, p. 29-50, 2015.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In.: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas: as mercadorias como bem cultural**. Niterói: EDUFF, 2008.

LI, Tania Murray. **Land's End: capitalist relations on an indigenous frontier**. Duke University Press, 2014.

LONG, Veronica H.; KINDON, Sara L. Gender and tourism development in Balinese villages. In: SINCLAIR, Thea (Org.) **Gender, work and tourism**. Routledge, 2005. p. 99-128

LYNCH, Paul; MCINTOSH, Alison J.; TUCKER, Hazel (Ed.). **Commercial homes in tourism: An international perspective**. Routledge, 2009.

MÁRQUEZ, Gabriel García; ZAGURY, Eliane. **Cem anos de solidão**. Record, 1967.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In.: **Sociologia e antropologia**. Ubu Editora: São Paulo, 2017.

MILLER, Daniel. Casas: teoria da habitação. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, p. 119-163, 2013.

NOGUEIRA, Silvia Garcia; NOGUEIRA DA SILVA, Renata. A casa timorense e os estudantes do Timor-Leste no exterior. **Seculo XXI**, v. 8, n. 3, p. 948, 2018.

NOGUEIRA DA SILVA, Renata. **Tanbasá sa'e foho?: reprodução e transformação da vida social das casas sagradas no Timor Leste pós-colonial**. 2019. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, Ana Carolina Ramos de. **Fazendo merkadorias, transformando relações: um estudo sobre a expansão da produção para o mercado em Ataúro, Timor-Leste**. 2019. Monografia de Graduação. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília.

ORANRATMANEE, Rawiwan. Re-utilizing space: Accommodating tourists in homestay houses in northern Thailand. **Journal of Architectural/Planning Research and Studies (JARS)**, v. 8, n. 1, p. 35-54, 2012.

QUINTAS, José Filipe Dias. **Sustainable Tourism and Alternative Livelihood Development on Ataúro Island, Timor-Leste, Through Pro-poor, Community-based Ecotourism**. 2016. Tese de Doutorado. Charles Darwin University.

SILVA, Kelly. OLIVEIRA, Ana Carolina Ramos de. Managing artifacts: Empreza Di'ak's commodity production practices in Atauro, Timor-Leste. In.: SILVA, Kelly. (Org.).

Performing Modernities: Pedagogies and technologies in the making of contemporary Timor-Leste. ABA Publicações. 2020. p. 99 – 126.

SILVA, Kelly. Introduction. Performing modernities. In.: SILVA, Kelly. (Org.). **Performing Modernities: Pedagogies and technologies in the making of contemporary Timor-Leste.** ABA Publicações. 2020 p. 9 – 28.

_____. As Nações Unidas e a construção de capacidades. In: **As nações desunidas: práticas da ONU e a estruturação do Estado em Timor-Leste.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. A cooperação internacional como dádiva: algumas aproximações. **Mana**, v. 14, n. 1, p. 141-171, 2008.

_____. Administrando pessoas, recursos e rituais. Pedagogia econômica como tática de governo em Timor-Leste. **Horizontes Antropológicos**, n. 45, p. 127-153, 2016.

_____. O poder do campo e seu campo de poder. In.: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. **Entre saias justas e jogos de cintura.** Editora Mulheres, 2007.

TIMOR-LESTE. Plano Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030.2011. Disponível em: <http://timor-leste.gov.tl/wp-content/uploads/2012/02/Plano-Estrategico-de-Desenvolvimento_PT1.pdf>. Acesso em fev. 2021.

TOLKACH, Denis; KING, Brian. Strengthening community-based tourism in a new resource-based island nation: Why and how?. **Tourism Management**, v. 48, p. 386-398, 2015.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado.** São Paulo: Todavia, 2019.

WANG, Yu. Customized authenticity begins at home. **Annals of Tourism Research**, v. 34, n. 3, p. 789-804, 2007.